

WALKIRIA L. C. SCHOGOR

**UM OLHAR SIMBÓLICO SOBRE A CASA LAR: VENENO E
REMÉDIO.**

Trabalho apresentado ao curso de pós-graduação em psicologia analítica, proreitoria de pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em psicologia analítica.

supervisora: Renata Wenth.

**CURITIBA
2003**

A criança é o que fui em mim e em meus filhos,
Enquanto eu e humanidade.
Ela, como princípio é a promessa de tudo.
É minha obra livre de mim.
Se não vejo na criança, uma criança, é porque alguém a violentou antes.
E o que vejo é o que sobrou de tudo que lhe foi tirado.
Mas essa que vejo na rua sem pai, sem mãe, sem casa, cama e comida,
Essa que vive a solidão das noites sem gente por perto,
é um grito de espanto.
Diante dela, o mundo deveria parar para começar um novo encontro,
porque a criança é o princípio sem fim
E o seu fim é o fim de todos nós.
Herbert de Souza (Betinho).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	04
1. O OLHAR SIMBÓLICO SOBRE A CASA LAR: A CRIANÇA, A MÃE, O PAI, O IRMÃO E A FAMÍLIA	06
1.1 O CONCEITO DE ARQUÉTIPO	06
1.2 A CRIANÇA NA PSICOLOGIA ANALÍTICA	10
1.3 O ARQUÉTIPO DO ÓRFÃO E O ABANDONO	16
1.4 O ARQUÉTIPO DA MÃE	23
1.5 O ARQUÉTIPO DO PAI	30
1.6 IRMÃOS, AMIGOS	35
1.7 A FAMÍLIA	39
2. INSTITUCIONALIZAÇÃO E ABANDONO NO BRASIL	50
2.1 HISTÓRICO DO ABANDONO	50
2.2 ATENDIMENTO Á CRIANÇA BRASILEIRA	51
2.3 O REGIME CASA LAR	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
ANEXO 01 – CONTO JOÃO E MARIA	64

APRESENTAÇÃO

Há cinco anos venho trabalhando, enquanto psicóloga, em uma organização não governamental (O.N.G.) que mantém casas lares. Iniciei o trabalho em 1998 e desde então venho acompanhando o desenvolvimento psicossocial das crianças atendidas pela entidade e de suas famílias.

A casa lar é uma modalidade de atendimento para a criança em situação de risco social (abandonada, negligenciada, órfão ou que teve algum dos seus direitos básicos desrespeitados). É uma unidade de abrigo de caráter provisório, onde a criança permanece por 24hs ou por prazo indeterminado até que se resolva a problemática que a levou ao abrigo.

O trabalho desenvolvido dentro de uma casa lar objetiva oferecer às crianças que necessitam, um espaço seguro até que os problemas de suas famílias sejam resolvidos ou amenizados. Caso isso não aconteça a criança é encaminhada para programas de colocação em família substituta (adoção).

Cada casa lar é estruturada para acolher no máximo 10 crianças que são cuidadas por uma funcionária contratada para o cargo de mãe social, ou casal social. Geralmente as casas não exibem placas e a rotina pretende assemelhar-se a das famílias convencionais.

Não se trata de um sistema nos moldes dos conhecidos orfanatos e educandários, tampouco de um sistema familiar convencional, mas sim de uma heterogeneidade de normas e leis, onde se misturam aspectos típicos de uma família com aspectos também típicos de uma instituição para crianças carentes. A mãe social não é mãe, mas pode ser chamada de mãe. A mãe social substituta também é mãe social, mas não pode ser chamada de mãe, de tia pode. A casa é um lar, embora não se saiba até quando se viverá lá.

A criança tem sua cama, seus pertences e seus irmãos, mas, a qualquer momento, pode ser recolocada na sua família de origem ou em outra adotiva. Seus pertences são seus, enquanto permanece naquela casa. Seus irmãos não são irmãos,

mas alguns são. Alguns vêm e vão, mas alguns nunca vão, embora também não se possa dizer que ficarão para sempre. O pai social não é pai, mas pode ser chamado de pai, age como pai embora possa ir embora a qualquer momento. As vezes o pai não está todo o tempo, mas em algumas situações aparece, para ditar regras e cobrar o cumprimento da lei.

Esse “clima ambíguo” gerado pela confusão instituição/casa parece colocar a família social no limiar entre um REMÉDIO para a criança que não teve a sorte de nascer em uma família capaz de acolhê-la ou um VENENO, que pode vir a comprometer seu desenvolvimento.

Não é cabível aqui interrogar a existência de abrigos para crianças. Há situações extremas que justificam plenamente o afastamento destas dos pais biológicos. O abandono é um fato da vida e o abrigo também.

Tendo em vista tal problemática o objetivo desse trabalho é lançar luz sobre a casa lar tendo como pressuposto o ponto de vista simbólico, não com a intenção de responder as questões levantadas, mas sim visando possibilitar que uma reflexão psicológica se estabeleça.

O primeiro capítulo observa os participantes da casa (a mãe, o pai, a criança, os irmãos, os amigos e a família) a partir do conceito de arquétipo. Optou-se por ilustrar o tema da família também com contribuições da antropologia e do direito, além da psicologia.

O segundo capítulo é dedicado a institucionalização e o abandono de crianças no Brasil. Neste capítulo está presente o histórico da situação das crianças abandonadas no país, bem como as modalidades de atendimento que foram sendo desenvolvidas para responder a esta demanda social. Percorre-se o caminho histórico até chegar ao formato de abrigo em regime de casa lar.

Seguem-se as considerações finais acerca do tema, onde, a partir de um paralelo entre a vida na casa lar e o conto João e Maria, são discutidas algumas questões, não com a intenção de respondê-las, mas sim com o propósito de possibilitar futuras reflexões e tentativas de respostas.

1 O OLHAR SIMBÓLICO SOBRE A CASA LAR: A CRIANÇA, A MÃE, O PAI, OS IRMÃOS E A FAMÍLIA.

1.1 O CONCEITO DE ARQUÉTIPO.

Antes de debruçar o olhar sobre o tema da casa lar, é necessário discorrer sobre um conceito fundamental na obra de Jung, sob o qual se apóia qualquer ponto de vista simbólico: o conceito de arquétipo.

Jung discute este conceito no decorrer de sua obra afirmando que se trata de um termo emprestado da filosofia. "arquétipo nada mais é do que uma expressão já existente na antigüidade, sinônimo de idéia no sentido platônico."¹

No texto "O Conceito de Arquétipo", após refletir sobre o grau da interferência da personalidade do observador na percepção da realidade, Jung faz a pergunta:

“será possível que um homem só possa pensar, dizer e fazer o que ele mesmo é?”²

O conceito de arquétipo se funde a esse questionamento na medida que aponta para um fator inato anterior as características de personalidade individual. O próprio potencial para desenvolver tal personalidade é inato. É verificável que todo ser humano apresenta uma característica singular que o difere dos demais sujeitos da sua espécie. Segundo Jung "é impossível supor que todas essas particularidades sejam criadas só no momento em que aparecem."³

Portanto é impossível não partir do princípio que o ser humano possui um

¹ JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo**. (149)

² idem.(150)

³ idem. (151)

aparelho que lhe oferece potencialidade conforme sua espécie. Como todas as criaturas vivas, nascemos com a carga de comportamentos potenciais que o ser humano pode vir a desenvolver, inclusive a capacidade de se diferenciar e organizar uma personalidade pessoal própria. Foi a esse potencial exclusivamente humano que Jung chamou de arquétipo.

Aqui é importante lembrar que isso não significa que é o coletivo somente que determina a personalidade. Todo potencial só pode ser vivido a partir do individual. São as experiências de um ser humano, vivenciadas por um ponto de vista único, que tornam possível que as potencialidades se desenvolvam e que o coletivo se revele.

O homem só pode ver o mundo com os olhos do homem, com os sentimentos do homem, com os desejos do homem e com a singularidade de cada um. Todo tipo de atividade desenvolvida pelo homem durante sua existência individual tem um correspondente nuclear arquetípico, é essa *relação* entre individual e coletivo que torna o ser humano o que ele é.

À medida que cada ser humano vai experienciando a vida, os arquétipos vão sendo constelados. Em torno deles as vivências carregadas de afetos vão se organizando. A esse conjunto de afetos em torno de um arquétipo Jung chamou de complexos de tonalidades afetiva.

Os complexos foram conceituados por Jung a partir de suas experiências com o teste de associação de palavras. Neste eram lidas palavras e solicitado ao sujeito testado que respondesse com a primeira palavra que lhe ocorresse. Algumas palavras causavam no indivíduo outras reações que não a pedida no teste. Tosse, sorriso, silêncio, ou demora na resposta. Após analisar esses “erros” Jung concluiu que alguma coisa tomava conta do ego naquele momento, essa “alguma coisa” era um complexo.

Jung define complexo como sendo

“[...]a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Esta imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem sua totalidade

própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia,[...].”⁴

Também afirma Jung que os complexos são “aspectos parciais da psique dissociados”⁵, ou seja, partes de nós mesmos que habitam nossa alma e compartilham de nossa vida consciente. Essas “vozes”, que as vezes falam quando menos se deseja ouvi-las, são parte vital da psique, é impossível subtraí-las ou ignorá-las.

“Na verdade, os complexos fazem parte da constituição psíquica que é o elemento absolutamente predeterminado de cada indivíduo.”⁶, eles vão se formando a partir das experiências externas e internas de cada um.

Como afirma Jung “a base essencial de nossa personalidade é a afetividade”⁷. Cada complexo pode ser considerado um aglutinamento de idéias e sentimentos, com tonalidade afetiva, originados a partir das experiências únicas vivenciadas e também da constelação arquetípica que se faz presente em cada indivíduo.

Para Jung os arquétipos cantem em si uma polaridade: “[...] o arquétipo é, sob certos aspectos, um fator espiritual e, sob outros aspectos, como um sentido oculto, imanente ao instinto,[...] è bipolar e paradoxal: uma grande ajuda, ao mesmo tempo um grande perigo.”⁸

Cada experiência pode ser percebida pela consciência como positiva ou negativa, de acordo com a sensibilidade do ser humano, ou seja, a maneira como cada um sente e percebe a experiência. Uma mesma vivência pode ser considerada positiva para um e negativa para outro. Às vezes o excesso de positividade pode transformar-se em algo nefasto para a psique, assim como experiências a princípio muito negativas podem transformar-se em força motriz para a busca de transformação.

Uma vez que os complexos se formam a partir da experiência organizadas em torno de um centro arquetípico, a polaridade inata do arquétipo se faz presente,

⁴ JUNG, C. G. **A Natureza da psique.** (201)

⁵ idem.(204)

⁶ idem.(213)

⁷ JUNG, C. G. **Psicogênese das doenças mentais.** (78)

⁸ JUNG, C; G; **A Natureza da psique.** (427)

possibilitando que um complexo também possa ser predominantemente positivo ou negativo. Os complexos originalmente positivos são aqueles que partem de experiências promotoras do desenvolvimento. Entretanto isso não exclui a possibilidade de tornarem-se inibidores.

Um exemplo disso é a superproteção. Durante um período da vida da criança, a proteção é importante e promove o desenvolvimento oferecendo uma base segura. Mas quando a criança vai crescendo essa proteção tem que ser reordenada, pois se ela se torna excessiva inibe o desenvolvimento. O mesmo pode ocorrer com o complexo originalmente negativo. Portanto em termos de dinâmica da psique, complexos positivos podem se tornar inibidores e complexos negativos poder ter função promotora de desenvolvimento.

Estabelecer o contato da consciência com os complexos e arquétipos é fundamental para que a alma possa se expressar em sua singular totalidade. Tendo em vista que a psique se manifesta por meio de imagens, um meio de estabelecer esse contato é através dos símbolos.

“[...] tudo o que dela (a alma) sabemos é ela própria, a alma é a experiência direta do nosso ser e existir. Ela é para si mesma a experiência única e direta e a “conditio sine qua non” da realidade subjetiva do mundo em geral. Ela cria símbolos cuja base é o arquétipo inconsciente e cuja imagem aparente provém das idéias que o inconsciente adquiriu. [...] Os símbolos funcionam como transformadores, conduzindo a libido de uma forma “inferior” para uma forma superior. Esta função é importante que a intuição lhe confere os valores mais altos. O símbolo age de modo sugestivo, convincente, e ao mesmo tempo exprime o conteúdo da convicção.”⁹

Para Hillman, os arquétipos são a estrutura da imaginação, portanto só esta pode acessá-los. Para ele imagem é todo o material que constrói a psique em si, a forma como ela se apresenta, a própria paisagem da alma e não criações da consciência. As imagens para Hillman são autônomas, independentes, circulam nas esferas psíquicas por livre vontade e não se submetem aos desejos egóicos. Elas não se expressam só por sonhos, desenhos, fala, movimento, aroma ou som. A imagem não é

⁹ JUNG; C. G. **Símbolos da Transformação.**(344)

algo que se apresenta aos sentidos ela é uma maneira de perceber o mundo. "[...] uma imagem não é aquilo que se vê, mas a maneira como se vê".¹⁰

È com esse olhar, buscando principalmente aquilo que os olhos da alma podem ver que lançaremos luz sob a casa lar e seus habitantes.

1.2 A CRIANÇA NA PSICOLOGIA ANALÍTICA.

Tendo em vista que o objetivo deste trabalho é lançar um olhar simbólico sobre os personagens da “família social”, cabe aqui uma breve consideração acerca do motivo da criança na psicologia analítica. Afinal a casa lar e a família social são experiências que buscam oferecer às crianças em situação de risco condições de desenvolvimento adequadas através da formação de um grupo familiar atípico.

O motivo da criança pode ser visto sob a perspectiva da infância literal, fase da vida humana e como um motivo arquetípico. A criança literal refere-se ao período da infância do bebê humano, seu desenvolvimento físico e emocional, o surgimento do ego e a relação deste com o meio externo e interno. A criança literal é essa que se observa nas escolas, nos parques, em casa ou na rua.

Já a criança simbólica refere-se aquela imagem interna que habita cada ser humano. É o arquétipo da criança que como todo arquétipo, é inato e continente para todas as experiências da humanidade relacionadas com o começar, com o nascer, com o ser inocente, autêntico, espontâneo e criativo.

“Uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la em nossos devaneios, mas ainda que na nossa realidade, nós a revivemos em suas possibilidades. Sonhamos tudo o que ela poderia ter sido, sonhamos no limite da história e da lenda. Para atingir as lembranças de nossas solidões, idealizamos os mundos em que fomos criança solitária [...] Essa infância aliás, permanece como uma simpatia de abertura para a vida, permite-nos compreender e amar as crianças como se fossemos os seus iguais numa vida primeira”¹¹

¹⁰ HILLMAN, James. **Psicologia Arquetípica**. p. 28.

¹¹ BACHELARD, G. **A Poética do Devaneio**. p 96.

Quando um adulto olha para uma criança, seja ela filha, parente ou vizinha, é impossível não reagir de alguma maneira: ou a detesta ou a adora. A capacidade que as crianças têm de causar impacto no adulto está justamente no poder inato de fazerem-se espelhos para a infância deste, constelando o arquétipo da criança.

A criança vive naquele mundo que o adulto abandonou com pesar, ou que ainda insiste em manter - pagando o preço devido. Ela vive naquele emaranhado de dor e doçura, dúvida e esperança. Engloba todas as potencialidades do mundo, mas sabe, inconscientemente, que terá que crescer um dia e que disso depende sua própria vida. Sabe que a infância está predestinada ao sacrifício.

Ter uma criança por perto significa reviver as brincadeiras esquecidas, os cheiros e gostos da infância. Para alguns adultos significa, também, não ter tempo para se haver com suas próprias questões, esquecer das dúvidas inerentemente humanas em prol de outra vida. Por outro lado, deixá-las crescer é permitir-se envelhecer e deparar-se com a perspectiva da morte.

Do ponto de vista psicológico, é difícil conceber a criança literal e a criança simbólica em separado, uma vez que a primeira geralmente constela a segunda em quem a observa. Por outro lado é difícil pensar no motivo arquetípico da criança sem ativar memórias de uma fase de vida anterior.

“Há seguramente em nós uma imagem, um centro de imagens que atraem as imagens felizes e repelem as experiências do infortúnio. No seu principio, todavia, essa imagem não é inteiramente nossa, tem raízes mais profundas que as nossas simples lembranças. Nossa infância, testemunha a infância do homem, do ser tocado pela glória de viver”¹²

Esse entrelaçamento entre o que é literal e o que é simbólico deixa espaço para considerações acerca da imagem arquetípica da criança e do desenvolvimento infantil.

Vale aqui reproduzir a explicação oferecida oportunamente por JUNG ^{quando} este se propõe a falar do motivo da criança na mitologia. Afirma ele:

¹²BACHELARD, G. **A Poética do Devaneio**. p 119.

"Talvez não seja supérfluo mencionar um preceito de caráter leigo, que sempre tende a confundir o motivo da criança com a experiência concreta da "criança", como se a criança real fosse o pressuposto causal da existência do motivo da criança. Na realidade psicológica, porém, a representação empírica da criança é apenas um meio de expressão (e nem mesmo o único!) para falar de um fato anímico impossível de apreender de outra forma. Por esse motivo a representação mitológica da criança não é de forma alguma uma copia da "criança" empírica, mas um símbolo fácil de ser reconhecido como tal: trata-se de uma criança divina, prodigiosa, não precisamente humana..."¹³

Jung aqui se refere ao motivo da criança enquanto infância da humanidade e início do despertar da consciência de uma espécie inteira. Ele prossegue afirmando que muitos mitos relacionados ao motivo da criança divina estão a serviço de manter a conexão entre a consciência e esse estágio anterior, arcaico.

Entretanto alerta Jung que "o motivo da criança não representa apenas algo que existiu no passado longínquo, mas também algo presente; não é somente um vestígio. Mas um sistema que funciona ainda, destinado a compensar ou corrigir as unilateralidades ou extravagâncias inevitáveis da consciência"¹⁴.

O motivo da criança é visto ainda como símbolo do futuro, de um desenvolvimento psíquico, considerado indicador de síntese entre elementos inconscientes e conscientes e também símbolo da totalidade.

A imagem de criança interna ou criança interior está presente em todos os seres humanos. A conexão com essa imagem, entretanto, nem sempre é mantida.

ABRAMS afirma que "a criança interior é a portadora das nossas histórias pessoais, o veículo das nossas recordações da criança do passado, tanto a de verdade com a idealizada. É a única qualidade verdadeiramente viva do ser que existe em nós"¹⁵.

A imagem da criança interna está relacionada intimamente com a vivência de episódios infantis. Mas especificamente, com a maneira como cada um vivenciou tais

¹³ JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo.** (273)

¹⁴ JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo** (276)

¹⁵ ABRAMS, J. **O reencontro da criança interior.**p.14.

episódios. Essa vivência é relacionada também com o lugar cultural dado as crianças durante um determinado período histórico.

É possível encontrar pessoas que tiveram uma infância adequada, em uma família aparentemente acolhedora e provedora de condições de desenvolvimento adequadas, mas que se sentem, quando adultas, desconfortáveis com relação a sua própria infância. Para tal criança o ambiente era percebido como opressor, ela não se sentia amada nem tampouco protegida, ou se sentia protegida demais e isso também apavora. A criança interna, nesse caso é um ser traumatizado e ferido, que precisa ser acolhido e curado.

Por outro lado é possível conceber que uma criança literalmente abandonada, que viveu a experiência da negligência encontre alento em uma figura substituta, sentindo-se amada e especial por ter sobrevivido. Nesse caso a criança interna pode ter a marca de uma infância feliz.

Em 1931, Jung escreveu a introdução para o livro de Julius Verlag "Analyse der Kinderseele"¹⁶. Neste texto, ele percorre o caminho do desenvolvimento, comentando sobre a constituição da individualidade, partindo do princípio que nas crianças a consciência está sendo estruturada, emergindo do inconsciente.

Segundo ele, a consciência se desenvolve a partir do inconsciente. Nos primeiros anos de vida quase não se verifica continuidade da consciência, o que não significa ausência de fenômenos psíquicos. Esses fenômenos ainda não são relacionados a nenhum eu, carecendo de continuidade.

Durante esse período a criança vive em "participação mística" com os pais, mais precisamente com o inconsciente deste. Segundo Jung

"Via de regra, o fator que atua psiquicamente de um modo mais intenso sobre a criança é a vida que os pais ou antepassados não viveram [...] Essa afirmação poderia parecer algo de sumário e artificial sem esta restrição: essa parte da vida a que nos referimos seria aquela que os pais poderiam ter vivido se não a tivessem ocultado mediante subterfúgios mais ou menos gastos, trata-se pois de uma parte da vida que - numa expressão inequívoca - foi

¹⁶ JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. p. 41

abafada talvez como uma mentira piedosa."¹⁷

Assim é fundamental conhecer o tipo de vida que os pais levam pois "o que atua sobre as crianças são os fatos e não as palavras"¹⁸.

Entretanto, Jung também alerta para o perigo de entender somente o problema dos pais como causa dos problemas dos filhos. Muitas vezes trata-se de uma compensação do destino, de uma culpa impessoal pela qual o filho também deve pagar de modo igualmente impessoal. "contra isso de nada adianta a educação nem a psicoterapia."¹⁹

Vale lembrar que a individualidade infantil não provém só da influência dos pais. Os aspectos únicos de cada criança, a maneira única como sente o mundo, ou seja, sua sensibilidade também é fator determinante.

WHITMONT refere-se a possibilidade da existência de predisposições básicas que influenciam a percepção da realidade.

“(.) estamos presos ao fato de que nos confunde de que podemos rastrear nosso complexo até uma padronização particular da infância, e mesmo que nosso primo ou até nosso irmão estivessem sujeitos a exatamente as mesmas influências, o efeito sobre eles não seria o mesmo. Portanto, apesar de ser verdadeiro o fato de que o condicionamento na infância teve efeito na criação de nossos complexos e na formação do seu modo de expressão, não se pode dizer que esse condicionamento explica tudo. Devem também existir na predisposição básica diferenças que determinam quais os tipos de complexos que se desenvolvem ou não em resposta a esse ambiente.”²⁰

Para Jung "Tanto o corpo como a alma da criança provém da combinação de fatores coletivos de sua árvore genealógica. É essa combinação única que a torna indivíduo, diferente de seus pais."²¹

Seguindo esse raciocínio, ele fala que à medida que a linguagem se desenvolve, a consciência passa a exercer uma repressão interna por meio de seus

¹⁷JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. (87).

¹⁸ idem (84).

¹⁹ idem (90).

²⁰ WHITMONT. **A busca do símbolo**. p.60.

²¹ JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**.⁽⁹³⁾

conteúdos da atualidade. Quando a criança começa a utilizar a palavra "eu" começa a continuidade da consciência, embora ainda muitas vezes interrompida. Nesse momento pode-se dizer que há uma psique individual.

Percorrer esse caminho rumo a individualidade, não é tarefa fácil e nem tão pouco agradável. Implica em abrir mão de parte da inconsciência em prol do dolorido alargamento da consciência. É de se entender que uma criança sinta-se angustiada cada vez que precisa dar um passo a frente.

A questão que permanece é o quanto a vivência em um abrigo onde por vezes se verifica condição tão árida emocionalmente ou tão intensa se comparada a da família de origem, interfere no caminho rumo ao desenvolvimento da criança. Será mesmo possível para ela encontrar força e espaço para realizar essa caminhada sem sucumbir frente às perdas, ao desamor, ao abandono e ao devorador mundo do abrigo?

Será que mesmo crescendo em condições de adversidade, seja no abrigo ou em uma família convencional, é possível ter na alma o registro de uma infância interna saudável?

1.3 O ARQUÉTIPO DO ÓRFÃO E O ABANDONO.

É fato afirmar que a constituição da instituição "família social" implica em uma história de abandono anterior. Se não houvesse o abandono literal de crianças não haveriam orfanatos, educandários e casa lares, nem tão pouco "famílias sociais".

O tema do abandono é bastante discutido na psicologia analítica, justamente por ser também um tema arquetípico, tal qual o da criança. JUNG escreveu que "'Criança' significa algo que se desenvolve rumo a autonomia. Ela não pode tornar-se alguém sem desligar-se da origem: o abandono é pois uma condição necessária, não apenas um fenômeno secundário."²²

Todo ser humano precisa vivenciar o abandono inicial quando tem que

²² JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo.** (287)

deixar o paraíso da primeira infância para caminhar rumo a autonomia. A medida que caminha vai deixando sua infância para trás até chegar em um ponto onde a criança precisa ser abandonada para dar lugar ao jovem. A cada nova etapa da vida humana, um personagem vive o abandono e outro vive o abandonar.

Como afirma ABRAMS

"a experiência do abandono - concreta, emocional, psicológica - é, portanto, uma iniciação na vida. É uma repetição da expulsão do Éden, uma perda da inocência, uma decepção, assim como uma traição. Contudo é um acontecimento positivo, porque nos põe em movimento na nossa jornada, nos faz seguir as voltas do nosso caminho em busca da experiência e da identidade."²³

Por outro lado, o abandono pode também deixar marcas profundas. Uma criança que cedo foi magoada pela solidão pode manter seus sentimentos disfarçados por uma camada de cinismo e ressentimento.

É fundamental que a orfandade, (simbólica ou literal) seja reconhecida. É somente encontrando um significado para a solidão que o ser humano pode reconhecer-se como único responsável por si mesmo e pelos seus atos.

ROTHENBERG descreve com grande habilidade sua própria experiência de orfandade e o quanto esse momento marcou sua vida e sua personalidade. Aos 4 anos ela teve um sonho “estou de pé no centro da casa onde morei na infância. Atrás de mim está uma árvore morta com galhos nus, sem folhas. Dos meus antebraços nascem cobras pretas” . Esse sonho a acompanhou por toda a vida como imagem de sua orfandade.

“A árvore morta de meu sonho parecia conter a alma de minha verdadeira mãe, e as serpentes que nascem dos meus braços representam a reação de minha psique á sua morte. Serpentes transmitem energias poderosas. Essas energias podem ser usadas como veneno ou panacéia[...].Dar serpentes à luz foi meu dilema de órfão. Eu poderia permanecer no inconsciente e sucumbir aos seus venenos ou usar os meus poderes de cura para participar da vida”²⁴

Esse dilema reflete bem o drama vivenciado por aqueles que passam por

²³ ABRAMS, J. *O reencontro da criança interior* . p 64.

²⁴ROTHENBERG, Rose-Emily. *O arquétipo do órfão* in. *O reencontro da criança interior* . p 88.

situações de abandono. O limite entre veneno e remédio é por demais tênue, como em todos os momentos cruciais da vida.

Dentro da família social cada criança é uma alma lutando para se manter em equilíbrio. As perdas e rupturas afetivas são muitas e intensas. As novas possibilidades de afeto e acolhimento também.

As crianças da casa lar estão constantemente em contato com sua realidade de "abandonadas". Essa condição constela nos cuidadores, voluntários e funcionários, o mesmo abandono, seu oposto (o salvador) ou a madrasta megera. No primeiro caso a pessoa não se relaciona com o outro, mas sim com a sua própria criança abandonada. Projeções dos sentimentos de abandono levam a atitudes de acolhimento ou de esquiva. Muitos afirmam que não conseguem trabalhar com a criança porque são tomados pelo sentimento de pena, outros abandonam o trabalho porque sofrem demais, não suportam o convívio com uma criança com histórico de abandono. Que criança é essa que se tem pena ou de quem se precisa fugir para não sofrer?

Para a criança que existe por trás da projeção o que fica é mais um abandono e novamente a clareza de sua condição de "abandonada".

Quando o arquétipo constelado é o do salvador, do herói, as pessoas trazem para a casa lar energia e disposição para oferecer a criança tudo que ela não teve. O lugar dado à criança nessas condições é o daquela que não tem, da cativa que precisa ser salva. Nesses casos sempre que a criança manifesta não ser vazia, ou seja, "ter alguma coisa", como por exemplo, vontade, humor, planos que não se adaptam ao ideal do salvador está é vista como inadequada. Para o salvador a criança abandonada que foi salva precisa ser eternamente agradecida ao seu herói que a tirou do caminho errado.

Novamente a criança por trás da projeção precisa lidar com a demanda do outro ao mesmo tempo que tenta manter sua própria sanidade mental.

Uma saída possível é desfazer as projeções, rever a própria história e descobrir o que se busca no trabalho com crianças abandonadas. Reconhecer-se dentro da temática, dizer o não dito.

Se quem cuida da criança está consciente de suas próprias motivações internas torna-se possível que a relação com a criança que ali está seja mais consciente e menos permeada por projeções.

Os alquimistas utilizavam o termo órfão para determinar uma pedra singular, encontrada na coroa do imperador. Tal pedra representava o órfão sem lar que precisava ser abandonado e morto para que o processo alquímico pudesse ser iniciado. Dessa maneira se facilitava a transformação.

Da mesma forma a criança real abandonada é morta ao ser separada dos pais, e permanece morta até que possa compreender o significado desse evento para sua vida. Facilita-se, assim, o processo de transformação e adaptação a nova realidade.

A pedra órfão é também conhecida por sua ambigüidade de valores. Idolatrada por muitos e desprezada por outros. O próprio Jung reflete sobre a pedra angular de sua obra que, por ter dimensões erradas, foi desprezada pelo pedreiro. Jung sentir que aquela era a sua pedra e colocou-a de frente ao lago inscrevendo nela:

"Eis a pedra, de humilde aparência.

No que concerne ao valor, pouco vale -

Desprezam-na os tolos

E por isso mais a amam os que sabem."²⁵

Essa ambigüidade também pode ser verificada nas crianças que vivenciaram experiências de abandono e nas pessoas que relacionam-se diariamente com elas. Com frequência observa-se sentimentos ora de grande inferioridade ora de excessiva superioridade.

O arquétipo do órfão pode ser ricamente ilustrado por narrativas mitológicas. Nestas é comum a relação entre o órfão e o herói. Grande partes dos heróis nasceram em condições difíceis, sendo abandonados pelos pais ou ficando órfãos. Curiosamente

²⁵ JUNG, C.G. *Memórias sonhos e reflexões*. p.199.

é a experiência do abandono que possibilita a criação do herói.

Édipo, Dioniso, Esculápio, Rômulo, Moisés entre outros compartilham a experiência do abandono.

MacNeary, citada por ROTHENBERG²⁶ escreveu que "a criança órfão alcança sua meta somente após terríveis dificuldades e a quase destruição, pois a luz que a criança carrega sempre corre o perigo de ser tragada pela escuridão."

Novamente depara-se com a tênue linha entre remédio e veneno, luz e escuridão.

ROTHENBERG²⁷ estabelece um perfil psicológico do órfão. Esse perfil deriva da vivência do abandono, simbólico ou literal.

O primeiro aspecto desse perfil diz respeito a sensação de profunda falta de valor. Uma vez que foi deixada pela pessoa responsável por sua sobrevivência, a criança conjectura que talvez realmente não mereça sobreviver, que seu valor como indivíduo é inferior ao das outras pessoas que mereceram ter pais saudáveis e presentes.

O segundo aspecto é o sentimento de culpa, que acompanha o sentimento de falta de valor. "Se não mereço ter pais presentes provavelmente fiz algo horrível, mereço ser punido". Essa culpa é diferente daquela que sente o adolescente que se desliga dos pais (culpa por estar crescendo). A sensação de culpa do abandonado é profunda, é uma culpa por estar vivo.

Outro aspecto do perfil do órfão é o sentimento de pena de si mesmo. O indivíduo tomado pelo complexo do órfão sente pena de si mesmo e se coloca na posição de vítima e de dependente quando relaciona-se com o outro. Ele espera que todos também tenham pena dele e reconheçam sua dor. Procura sempre no outro algo que não percebe em si: segurança, nutrição e acolhimento.

Patologicamente, como afirma ROTHENBERG os relacionamentos podem

26 Rose-Emily ROTHENBERG, *O arquétipo do órfão in: O reencontro da criança interior* p.90

27 Rose-Emily ROTHENBERG, *O arquétipo do órfão in: O reencontro da criança interior*

colocar o órfão em situações perigosas. "Sua identidade de vítima-desamparada elicia o arquétipo correspondente da megera-tirano por parte da outra pessoa[...]"²⁸

Outro aspecto do perfil do órfão ou abandonado é a permanente atração pela morte. A imagem arquetípica do órfão é justamente a do sobrevivente, que indo contra a natureza, vence em situações tão adversas. A criança literalmente órfão pode ter no genitor falecido uma fonte de constante força motivadora da vida, que compete com o desejo de unir-se a ele. A sensação de que alguma coisa está faltando, é muito presente nas pessoas que viveram a experiência do abandono ou da orfandade, como se algo lhes tivesse sido roubado.

À semelhança dos mitos de heróis, o abandonado também pode sofrer uma inflação desmedida, por sentir que, se foi poupado da morte provavelmente deve ter uma grande missão na vida ou um protetor divino poderoso.

Para toda perda existe uma tentativa de preenchimento do vazio. As vezes a imagem da mãe biológica pode ser um fator de comparação com a substituta, que acaba sendo alvo de projeções da sombra do arquétipo materno ou o inverso.

A única saída para o dilema do órfão/abandonado é a retomada do contato com a mãe arquetípica. Quando o ego-criança abandonada consegue se reconectar com o inconsciente-mãe finalmente recebe o afeto, acolhimento e segurança que almejou a vida toda.

Mas para isso é necessário que tenha havido alguma relação. Precisa haver um outro para que a imagem da mãe seja constituída, pois é somente vivendo uma relação estável, que transmita amor e segurança, que a criança pode amadurecer e adquirir confiança em si mesma e no outro, inclusive para pedir e aceitar ajuda quando necessário.

PEARSON afirma que "o problema do órfão é o desespero; portanto, a chave para o movimento é a esperança."²⁹

²⁸ Rose-Emily ROTHENBERG, *O arquétipo do órfão in: O reencontro da criança interior* p.91

²⁹ PEARSON, C. S. *O herói interior seis arquétipos que orientam a nossa vida*. P. 62.

É preciso que o órfão tenha a esperança de que alguém cuidará dele para então iniciar sua busca. Somente quando o órfão consegue aprender que a morte, a carência e o sofrimento são partes importantes e integrantes da vida é possível adotar uma nova postura diante dela.

De qualquer maneira “o mais importante é que as pessoas possam ver e ouvir sua própria verdade e, em consequência, agir no sentido de mudar suas vidas.”³⁰

Inspirada no trabalho de Nise da Silveira³¹, desenvolvi dentro da casa lar oficinas de expressão com o objetivo de oferecer as crianças um espaço de escuta seguro. Em uma sala nos fundos da casa lar eu acompanhava as crianças em grupo de 3 a 4 durante uma hora. Havia materiais disponíveis (tintas, papéis, lápis coloridos, argila, cola, revistas, tesouras, brinquedos.) e dentro de uma proposta não diretiva cada criança contava sua história, esculpia suas sensações, desenhavam suas fantasias. Eu acolhia suas produções, seus sentimentos, suas individualidades, apenas isso.

Uma produção que chamou atenção foi a realizada por uma menina com argila, papel e tinta. Ela criava cenários que variavam conforme seu humor. No primeiro dia de oficina construiu um mar salgado “salgado demais, envenena quem tenta beber nele”. Não cabe aqui um estudo de caso, mas a referência ao mar e a sal, dois temas arquetípicos, inspiram muitos significados. Após alguns meses de trabalho, (onde ela contou sua história, revelou sua revolta por estar na casa lar e sua ambigüidade de sentimentos pela mãe social), outra construção apareceu, no mesmo formato do primeiro, mas agora o mar estava “bom” e crianças brincavam nele.

Quando se abre espaço para o simbólico muitas reflexões se estabelecem e possibilitam que novas formas de ver o mundo se constituam.

1.4 O ARQUÉTIPO DA MÃE.

Vários autores descreveram exaustivamente o quanto é importante para o

³⁰ idem.p. 75.

³¹ SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente.**

desenvolvimento da criança a relação que se estabelece com a mãe, ou uma figura que a substitua. Melanie Klein, Winnicott, Spitz, Anna Freud entre outros autores utilizaram-se de termos variados para abordar o tema. Klein afirma que a “a sensação de ter um objeto bom dentro de si é a base da confiança em si próprio”³², esse objeto bom é introjetado a partir da relação com a mãe. Winnicott afirma que “o ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação[...] inicialmente a mãe sozinha é o ambiente favorável”³³, Spitz escreveu que “elas (as mães) criam o que denominamos, na relação mãe-filho, o clima emocional favorável, sob todos os aspectos, ao desenvolvimento da criança.”³⁴

Jung produziu muito material relacionado ao tema da mãe³⁵, entretanto o predomínio da mãe pessoal nas teorias psicológicas o impressionava sobremaneira. Em seus textos Jung procura ir além desta visão personalista, pois como ele afirma:

“Para ir direto ao assunto, a minha concepção difere da teoria psicanalítica em princípio, pelo fato de que atribuo a mãe pessoal um significado mais limitado. Isso significa que não é apenas da mãe pessoal que provêm todas as influências sobre a psique infantil descritas na literatura, mas é muito mais o arquétipo projetado na mãe que outorga á mesma um caráter mitológico e com isso lhe confere autoridade e até mesmo numinosidade.”³⁶

Embora Jung deixe claro que a mãe pessoal também interfere no desenvolvimento, ele amplia essa visão incluindo a interferência do arquétipo materno.

A temática das duas mães desenvolve essa idéia demonstrando que as influências provêm de dois mundos “o tema das duas mães indica a idéia do duplo nascimento. Uma das mães é a verdadeira, humana; a outra porém é a mãe simbólica, caracterizada como divina, sobrenatural ou com qualquer outro atributo extraordinário.”³⁷

O arquétipo materno, como todo arquétipo apresenta infinitos aspectos.

³² HINSHELWOOD, **Dicionário do pensamento kleiniano**. p. 93.

³³ WINNICOTT ,D.W. **O ambiente e os processos de maturação**. p. 81.

³⁴ SPITZ, P. **O primeiro ano de vida**. p. 99.

³⁵ Principalmente em **Símbolos da Transformação e Os Arquétipos do Inconsciente Coletivo**.

³⁶ JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo**. (159)

³⁷ JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. (495)

JUNG³⁸ cita alguns como a própria mãe, a madrasta, a sogra, a bruxa, a fada madrinha, a avó, a ama de leite, a deusa, a natureza, a lua, o mar, o subterrâneo, o útero, entre outros. Esses aspectos podem ser, do ponto de vista do desenvolvimento da psique, promotores ou inibidores. “Todos esses símbolos podem ter um sentido positivo, favorável, ou negativo e nefasto. [...] Símbolos nefastos são a bruxa, dragão [...] o túmulo, o sarcófago, a profundidade da água, a morte, o pesadelo e o pavor infantil.”³⁹

De forma geral o arquétipo materno está relacionado a criatividade, ao acolher, fertilizar, sustentar, amar, e também ao secreto, obscuro, ao veneno e a morte. O arquétipo materno não está constelado somente quando uma mulher concebe ou adota um bebê. A influência dela se faz presente quando homens e mulheres vivenciam o fertilizar, nutrir, acolher, devorar ou aprisionar. Se gesta idéias, se adota valores de vida, nutre-se sentimentos e pensamentos e também devora-se projeto de vida, envenena-se relações.

Na casa lar, como em todas as relações, ambos os aspectos do arquétipo da mãe se fazem presente.

O lado acolhedor e afetivo fica evidente na figura da mãe social e no grupo de pessoas que acompanham o desenvolvimento da criança.

Parece que o fato de saber que aquela criança não dispõe de figura materna literal constela no adulto seu próprio complexo materno. Este adulto então, ou acolhe aquela criança "sem mãe" ou se afasta definitivamente da situação por não suportar a agonia que lhe causa encarar essa criança "abandonada".

Os adultos que optam por trabalhar na casa lar como funcionários ou voluntários tendem a estabelecer um relacionamento mais afetivo com as crianças, como se tentassem suprir algo que a mãe deveria estar oferecendo, como segurança, limites e amor.

A constelação desse arquétipo nessas pessoas possibilita à criança contato

³⁸ JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo.** (156)

³⁹ idem. (157).

com o lado bom da mãe, com o carinho autêntico, com a confiança, com o sentimento de ser aceito integralmente.

É comum que profissionais como professores, médicos, psicólogos ou mesmo os vizinhos da casa e os voluntários em geral vivenciem experiências de vinculação muito profunda com essas crianças.

São várias pessoas com os complexos mais antagônicos possíveis tentando ocupar o lugar teoricamente vazio da mãe na vida da criança. Embora ninguém assuma realmente esse lugar para si, e nem é esse o objetivo.

A questão aqui é discutir se essas relações saudáveis que a criança estabelece tanto com a mãe social quanto com os demais freqüentadores da casa podem auxiliá-la a construir uma imagem de mãe adequada.

O que se observa é que as crianças que tiveram uma relação com a mãe biológica ou com uma figura substituta por um tempo maior antes de serem abrigadas apresentam uma capacidade grande de adaptação a situação da casa lar. Estas se recusam a ver a mãe social como substituta da mãe, estão sempre afirmando que “ela não é a mãe”. A ausência da mãe é percebida, mas não se verifica a necessidade de substituí-la literalmente. É como se internamente a mãe estivesse presente. Não há necessidade de colocar alguém em seu lugar do lado de fora. Uma criança com esse perfil afirmou que quando se olha no espelho, às vezes vê sua mãe: “é como se metade do rosto fosse meu e a outra metade fosse ela”. Isso lhe causa uma sensação agradável.

Por outro lado crianças abrigadas recém nascidas que nunca conviveram com mães ou com figuras substitutas além de funcionários de abrigos também parecem conceber uma imagem de mãe. Facilmente desenvolvem laços afetivos com a mãe social e mesmo sabendo que “não é a mãe” insistem em chamá-la de mãe. Aqui existe ainda a necessidade de projetar a imagem em uma figura literal, que possibilite que a relação mãe-filho se estabeleça, como se a criança precisasse se reconhecer como filha, como um lado de uma relação.

Uma menina, que conviveu poucos anos com a família de origem diz que reza todas as noites para sua mãe protegê-la. Ela não lembra da mãe pessoal, sabe

apenas seu nome, não tem foto, não lembra da cor dos cabelos da mãe, sua altura ou voz. Que mãe é essa que lhe protege? Provavelmente a mãe interna que foi sendo personificada a partir das relações que essa menina estabeleceu com figuras maternas (homens, mulheres e as próprias instituições que lhe acolheram, protegeram e nutriram até então).

Jung fala sobre a capacidade da psique de compensar a separação da mãe.

“Se o inconsciente conseguir interpretar o arquétipo constelado de maneira apropriada, ocorre uma transformação compatível com a vida. Assim a forma de relacionamento mais importante da infância, isto é, a relação com a mãe, é compensada pelo arquétipo da mãe quando a separação da infância se impõe.”⁴⁰

Como todo arquétipo apresenta aspectos diversificados, a mãe não é só bondade, ela também pode devorar e aprisionar.

Na casa lar, essa característica aparece principalmente, na forma de ataques a privacidade da criança. Várias pessoas, por estarem tomadas pelo complexo materno, se acham detentoras do poder da mãe e invadem a vida da criança. Sua casa, seu quarto e sua história são constantemente ameaçados por essa invasão. Costuma-se discutir o problema de cada criança com o grande grupo de pessoas, o que acaba tornando a casa lar uma grande tribo. Assim se alguém sofre de enurese, escabiose, rói unhas, se masturba, ou menstrua pela primeira vez, todos ficam sabendo: o motorista, a empregada, o pediatra, o psicólogo, a professora, a diretora e pelo menos mais 20 pessoas.

Pode-se pensar que é como se houvessem vinte mães, mas ao mesmo tempo nenhuma. Também o amor excessivo devora, por não deixar que as crianças cresçam e adquiriam o controle sob suas vidas.

A instituição enquanto “mãe” pode ser tornar uma devoradora quando não prepara para a vida, boicota tentativas de aproximação da família de origem, não cumpre sua função de promotora da reintegração familiar ou encaminhamento para

⁴⁰ JUNG, C. G. **Símbolos da transformação.** (351)

colocação em família substituta, apodera-se da criança tomando posse de sua vidas e sentenciando-as ao lugar de eternas “crianças da casa lar”. Impede o desligamento por achar que ninguém pode oferecer o que o abrigo oferece. Ensinam assim que o mundo nunca será tão bom quando a casa lar, sufocando-as de “compreensão”.

“ O significado concreto primitivo de “comprender”, “compreender” é cingir com as mãos ou os braços e segurar. É isso que a mãe faz com a criança que procura por auxílio ou proteção e o que prende a criança a mãe. Mas quanto mais ela cresce, tanto mais aumenta o perigo de que este tipo de “compreensão” leve a um impedimento do desenvolvimento natural. Ao invés de adaptar-se as novas condições do meio ambiente, a libido da criança regride para a proteção e as facilidades dos braços maternos e perde assim o contato com o tempo.”⁴¹

Aqui novamente o limiar entre veneno e remédio aparece. Até que ponto a casa lar devora ou nutre? Talvez as chances de que a mãe devoradora ou a bondosa prevaleça sejam as mesmas de qualquer grupo familiar. Entretanto na casa lar observa-se um diferencial que não se verifica nas famílias convencionais, que é justamente a presença de uma mãe “alugada”, remunerada para exercer a função: a mãe social.

A Mãe Social.

Para ser mãe é necessário que o arquétipo materno esteja constelado. Como pensar então o caso de uma mãe “alugada”?

Ser mãe significa ser responsável pelo filho, nutri-lo, defendê-lo de danos físicos e emocionais, sustentá-lo, manter com ele laços afetivos eternos (mãe não deixa de ser mãe nem após a morte). Acima de tudo mãe não é profissão é um padrão de comportamento, regido pela natureza.

A vivência da maternidade predispõe um estado de alma específico capaz de acolher e corresponder às necessidades do filho. Ali se estabelece um par, mãe e filho. Sendo mãe a mulher oferece ao outro a oportunidade de vivenciar o *ser filho*.

A mãe social, inicialmente é uma mulher que se candidata a um cargo

⁴¹ JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. (465)

disponível no mercado, pois tem a necessidade de um trabalho.

Seu objetivo é o exercício de uma função profissional. Função esta que, como todas as outras, exige um certo perfil. Esse perfil inclui, ou deveria incluir, experiência e disponibilidade afetiva no trato com crianças, conhecimento sobre educação, saúde e nutrição infantil, dinamismo, capacidade para gerenciar um lar.

Às vezes o que motiva a candidata é o caráter religioso, caridoso, solidário, nesse caso muitas trabalham voluntariamente. Entretanto a maioria trabalha como mãe social porque necessita dos rendimentos, não tem outra qualificação, sempre cuidou dos filhos e da casa ou trabalhou como babá, educadora ou atendente de creche. Algumas cursaram magistério, mas a maioria não concluiu o ensino médio.

A mãe social mora com as crianças, está com elas no dia-a-dia substituindo o carinho, a atenção e os cuidados que a família de origem não pode oferecer. Ela mora com as crianças, trabalha 24 horas tendo direito a um dia e meio de folga na semana. Ela é responsável pelo andamento da casa, acompanha as lições de casa, educa quanto à higiene, organização e relacionamento entre as crianças. É a pessoa que está ali para cuidar.

Por estar diariamente na posição de mãe, inclusive apoiada legalmente por uma carteira de trabalho que lhe confere o cargo de mãe, é comum que o arquétipo da mãe (bondosa e terrível) se constele na relação da mãe social com a criança. Tal fator trás à tona o complexo materno da mãe social. Quando esta apresenta uma estrutura psíquica adequada, ela é capaz de expressar os sentimentos que emergem: “aquela criança me faz lembrar de mim mesma quando criança” “aquele ali me chama de mãe, mas eu digo que não sou a mãe, mas gosto muito dele, como se fosse, mas não sou” “mas às vezes fico com pena, tenho vontade de dizer que sou a mãe, às vezes sinto que sou”, “não sou mãe, sou uma educadora, dou amor, carinho, exemplo. Não precisa ser mãe para isso”.

Enquanto remédio essa relação permite que a criança viva a experiência de ser filha, sinta-se parte de uma relação maternal e ganhe dados para construir a imagem interna de mãe.

Entretanto muitas vezes o resultado desse arranjo é o veneno do abuso de poder: “eu moro aqui, eu sou a mãe aqui, eu mando e eles obedecem, se não obedecer vão se arrepender vai por castigo, fica no quarto sem comer, tem que ser do meu jeito. São crianças de índole duvidosa, não posso ser carinhosa com eles, se não tomam conta”. A partir daí se inicia um ciclo cruel. Constela-se a mesma situação que retirou a criança de sua família de origem: negligência, agressão, humilhação da criança. A funcionária é descoberta e demitida e novamente a criança está só.

Para algumas crianças essa situação não é novidade. Entretanto a esperança continua presente, elas se readaptam a nova pessoa, buscam apoio uns nos outros, testam os limites novamente em cada funcionária nova.

Assim como Peter Pam, Wandy e seus irmãos, as crianças da casa lar criam um mundo sem adultos cuidadores, eles cuidam uns dos outros. Compartilham sensações tanto de saudades das mães sociais que já passaram como de medo, indignação ou confiança na que acaba de chegar.

A vida ensinou que mãe é uma imagem que aparece em sonhos, que está dentro e não fora. Mas será que isso basta?

Se bastasse não haveria um desejo tão grande por ter uma família. Todas as crianças, sem exceção deixam claro seu desejo de ir embora, ser adotada, voltar para a família. Enfim, que sua vida saia finalmente da provisoriedade para que ela possa encontrar o eterno, o infinito amor de mãe.

Nem a mãe social nem ninguém no abrigo pode oferecer isso. A casa lar é local de passagem, a mãe social é apenas uma educadora que terá uma função importante, porém provisória na vida da criança.

1.5 O ARQUÉTIPO DO PAI.

Sabe-se que a figura do pai é de extrema importância para o desenvolvimento saudável. Sabe-se também que a relação estabelecida com o pai é

típica da humanidade, portanto arquetípica.

Como informa FIERZ⁴², o papel do pai é ensinar aos filhos as leis da vida. É a partir desse ensinamento que os filhos podem desenvolver a habilidade de aceitar a ordem do mundo, se organizando interior e exteriormente. O pai também é o que fertiliza, cria e oferece perspectivas.

Jung produziu pouco sobre o pai. Um dos textos por ele escrito foi "A importância do pai no destino do indivíduo". Neste texto Jung fala sobre as peculiaridades da influência do pai na constituição da pessoa. Uma das questões colocadas por ele diz respeito a ambigüidade da imagem paterna " o duplo aspecto da imagem do pai é característico do arquétipo em geral: é capaz de efeitos diametralmente opostos e atua na consciência mais ou menos como Deus se comporta para com Jó, isto é, de modo ambivalente." ⁴³

Portanto, assim como a mãe, a imagem arquetípica de pai apresenta muitas facetas, variando de pai bondoso ao pai vingativo e ameaçador. O pai pode ser o sábio que aconselha e transmite o conhecimento da vida como pode ser o mago terrível que não pode ser enfrentado.

O complexo paterno vai se formando a medida que a criança experiencia a relação com seu pai natural ou com uma figura que desempenhe tal papel. É na relação com o outro que a imagem paterna interior vai sendo humanizada. As experiências com figuras paternas vão se organizando em torno dessa imagem interna dotando-a de características e complexidades. É esse aglomerado de marcas próprias da vida de cada um que Jung chamou de complexo.

Um complexo, de acordo com as experiências da vida, pode tornar-se mais bondoso ou mais terrível. O excesso de qualquer um dos aspectos é perigoso.

Um pai excessivamente bondoso pode impedir que o filho siga sua vida aprisionando-o eternamente na tentativa de agradar esse pai. A vida pode então, se

⁴² FIERZ, H. K. **Psiquiatria Junguiana.**

⁴³ JUNG, C. G. **Freud e a Psicanálise.** (741)

resumir na eterna busca do pai amoroso, forte e provedor que não pode ser ultrapassado ou contrariado.

O filho do pai brutal também não pode encontrar seu caminho, ele tende a repetir a vida do pai, embora se torne impotente e submisso é geralmente tão brutal quanto o próprio pai.

Como afirma FIERZ⁴⁴ "de forma geral, um pai excessivamente forte pode frustrar uma vida; geralmente, a vida dos pais se repete em nível mais aviltante. O pior dano é causado aos instintos, de forma que, ainda que um pequeno instinto se faça sentir, a força para expressá-lo está ausente e tudo que emana dele é uma neurose."

Como é o pai que ensina as leis da vida é também ele que impulsiona o filho para experimentá-la por conta própria, um pai idealizado demais não pode ser abandonado, pois não há nada no mundo que justifique o afastamento. O filho de um pai ameaçador terá naturalmente medo da vida. Num caso e no outro a tentativa de fuga da vida só a torna mais difícil.

"qualquer instinto que possa permanecer conduz o indivíduo, a uma situação aparentemente nova que, na verdade meramente repete a antiga em um nível mais baixo. E a vida real é perdida. Jung diz o seguinte a respeito dessa situação: 'Fugir da vida não nos livra da lei da vida e da morte. O neurótico que tenta esquivar-se da necessidade de viver nada ganha e só se sobrecarrega com um constante antegozo de envelhecer e morrer...!' Dessa forma, a libido encontra-se bloqueando o caminho, retrocede e procura escape na neurose."⁴⁵

Pode-se concluir que a ausência do pai, ou um pai fraco leva o indivíduo a depressão e ao caos, falta ordem, falta criatividade, falta energia para viver. Já um pai forte demais leva a submissão, ninguém ousa ir contra sua vontade. Pode surgir o medo da vida que paralisa e a sensação de ser escravo do destino, de ser impotente e incapaz de quebrar qualquer regra.

A solução para esse conflito não é outra senão encontrar coragem para encarar o pai de frente. Se ele é bondoso, seus defeitos devem ser descobertos. Se for

⁴⁴ FIERZ, H. K. **Psiquiatria Junguiana** p.67.

⁴⁵ FIERZ, H. K. **Psiquiatria Junguiana**. p.72.

opressivo deve ser enfrentado. Além disso, é necessário diferenciar aspectos do pai natural e do pai interno. Como alerta FIERZ

“a pessoa fica doente se acredita que seu pai é um ser sobrenatural. A pessoa precisa aprender que as forças transmitidas a ela por seus pais não se identificam com os pais naturais. E precisa reconhecer que essas forças são, não obstante, uma realidade a ser admitida e temida, precisa aceitar essas forças sem sobrecarregar o mortal comum com um símbolo arquetípico.”⁴⁶

Aqui vale lembrar que o pai interno não é necessariamente semelhante ao natural. O complexo é formado a partir de experiências com figuras paternas que se combinam, mas as experiências são organizadas a partir de como a criança vivenciou cada passagem de sua vida. Assim uma criança que tenha sido abandonada pelo pai pode não se sentir tão abandonada assim, da mesma maneira um pai aparentemente presente pode deixar marcas de abandono ou de orfandade. Esses podem sentir-se "órfãos de pais vivos", simplesmente porque nunca sentiram a presença efetiva do pai. Além disso, o complexo está sempre sendo influenciado por imagens que são coletivas, que dão aos complexos tonalidades culturais e humanas típicas.

O Pai Ausente.

Infelizmente a realidade que se verifica na família de origem das crianças moradoras da casa lar é a ausência do pai. A grande maioria delas vem de famílias cujo pai é dependente químico, alcoolista, violento, ou simplesmente desconhecido. É raro encontrar pais presentes empenhados para o retorno familiar da criança. Geralmente são as mães, tias ou avós que visitam e buscam retirar a criança do abrigo.

Sabe-se que a presença do pai, ou figura que o substitua, é fundamental para o desenvolvimento saudável da criança. Com afirmação CAVALCANTI:

"A presença do pai ou de um substituto é [...], necessária para dar sentido e realidade à projeção do pai arquetípico."⁴⁷

⁴⁶ FIERZ, H. K. **Psiquiatria Junguiana** p. 86

⁴⁷ CAVALCANTI, R. **O mundo do pai.** p.46

É a partir das experiências com um pai que a criança poderá ir constituindo sua imagem de pai interno provedor e ordenador. Quando não há figura disponível para essas experiências essa imagem fica distorcida.

Como afirma FIERZ:⁴⁸ "é inegável a influência do pai sobre a criança. O importante contudo não é a soma de suas virtudes ou fraquezas. O importante é que ele é aquele que transmite pela primeira vez à criança a grande e poderosa lei do princípio paterno." Lei essa que provém do arquétipo, portanto da natureza e não da inteligência do homem.

Na casa lar, a criança não convive diariamente com uma figura masculina. Entretanto nem sempre isso significa que o pai esteja ausente, pois a vivência simbólica do pai pode acontecer sem a necessidade do pai físico.

O arquétipo do pai pode ser constelado a partir de figuras substitutas, na casa lar observa-se que o pai pode estar presente através do presidente da entidade, de um colega mais velho, um professor, um padrinho ou mesmo da mãe social.

É comum que o dirigente da instituição seja alvo das projeções de imagem paterna. Muitas vezes ele é visto como aquele que impõe e cobra as regras, como criador e provedor do abrigo. É ele que dota a mãe social de poder durante sua ausência, o que auxilia na construção da imagem de pai ordenador.

Outra possibilidade de experiência com o pai é através do princípio masculino presente na mãe social.

Essa, através da figura de pai que tem introjetada, pode adotar posturas paternas de ordem, ensinamento e encaminhamento para a vida fora da casa. Nesse caso a vivência é permeada pelo pai da mãe social, ou melhor, pela marca que esse pai deixou nela. A relação com esse pai imagético pode ser adequada ou catastrófica, tudo depende de como se deu a relação paterna da mãe social.

O quanto essas experiências são suficientes para substituir a presença de um pai convencional é uma incógnita. Entretanto sabe-se que

⁴⁸ FIERZ, H. K. **Psiquiatria Junguiana**. pg. 86

"a ausência física do pai ou de seu substituto provoca uma lacuna na psique que precisa ser preenchida. São os conteúdos do inconsciente coletivo que irão preencher essa falta e que, por sua vez, podem ser projetados em alguém, ou num modelo disponível para receber essas projeções. Esta situação explica muitas idealizações de caráter grandioso que parecem exceder o real. Ou pode acontecer que a criança, carente de pai e ainda presa à condição narcísica, faça a identificação direta com o arquétipo, por faltar a mediação do pai real, que lhe forneça contornos mais humanos e a previna contra a onipotência." ⁴⁹

Pode-se pensar que nas casas lares essa identificação com o arquétipo aparece nos hábitos religiosos observados. A presença do "Pai do céu" é uma constante. Mesmo crianças transferidas de outros abrigos trazem a marca da religiosidade muito presente. É fato que a presença constante da religiosidade também é fruto da influência das pessoas que dirigem a maioria das entidades, que geralmente são movidas por ideais religiosos de fraternidade e apoio ao próximo.

De qualquer forma, a presença de Deus pode ser vista como uma oportunidade de estabelecimento de algum tipo de experiência com um pai celeste, criativo e renovador de vida.

1.6 IRMÃOS, AMIGOS.

Além do pai e da mãe existe o território do irmão. O Estatuto da Criança e do Adolescente postula que grupos de irmão não devem ser separados. Embora nem sempre essa lei seja atendida, è comum encontrar irmãos abrigados juntos, convivendo com outros grupos de irmãos e com filhos únicos na mesma casa lar. Poder passar a infância com os irmãos é uma importante experiência para o desenvolvimento da psique, pois se experimenta uma relação diferente da estabelecida com os pais.

“O relacionamento fraternal é um dos mais duradouros de todos os laços humanos, começando com o nascimento e só terminando com a morte de um dos irmãos. Embora nossa cultura pareça nos permitir a liberdade de esquecer os laços fraternos e nos afastar dos nossos irmãos/irmãs, tendemos a nos reaproximar deles nos momentos de celebração (casamento e nascimento) bem como nas épocas de crise (divórcios e falecimentos). E

⁴⁹ CAVALCANTI, R. **O mundo do pai**. p.46.

nesses momentos descobrimos, com surpresa, a rapidez com que ressurgem os padrões de interação da infância e a intensidade dos ressentimentos e valores de infância.”⁵⁰

DOWNING⁵¹ chama a atenção para o fato de que a relação entre irmãos é imposta, diferente da amizade. A familiaridade adquirida entre o grupo de irmão oferece a possibilidade de se ter figuras substitutas de apego afetivo as quais pode-se recorrer em casos de insegurança ou simplesmente para compartilhar o prazer de viver. “brincar juntos”.

Na casa lar, ter o irmão próximo é uma chance para manter algo de familiar, a única coisa que sobrou de um mundo que era, até aquele momento, o “seu mundo”. Grupos de irmãos se adaptam mais facilmente ao novo ambiente, parece que quando a dor é compartilhada ela diminui. Ter os irmãos por perto também sugere manter a memória da família. Geralmente o mais velho conta fatos para o mais novo da história familiar, como era a mãe, o que acontecia, o nome de tios, e outros parentes. Entre os irmãos a conversa recupera o passado de ambos e ajuda à manter viva as origens.

Por muito tempo a importância de manter irmãos unidos não foi considerada. Eles eram separados, ao serem abrigados, por faixa etária e sexo. Ainda hoje, apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente, é comum irmãos serem separados por falta de vagas, embora exista a preocupação de voltar a uní-los assim que for possível. Principalmente o irmão mais velho acaba sendo levado para repúblicas para adolescentes onde existe estrutura para encaminhamento profissional. Os mais novos ficam nas casas lares.

Quando existe a possibilidade de adoção cogita-se a separação do grupo, afinal é importante para a criança ter uma família. Esquece-se que o grupo de irmãos já é uma família. Eles são, uns para os outros, tudo que restou de familiar.

“Os irmãos são familiares, e isto talvez seja o mais importante: eles são o que torna possível para nós tornarmo-nos familiares de algo, de alguém, de alguma coisa; familiarizados, íntimos, conhecidos e conhecedores, relacionados.”⁵²

⁵⁰ DOWNING, C. **Irmãs e irmãos lançando sombras**. in: **Ao encontro da sombra**. P.87.

⁵¹ DOWNING, C. **Irmãs e Irmãos**. in **Espelhos do self**. p 115.

⁵² BARCELLOS, G. **Notas sobre a função fraternal**. p.148.

Para as crianças observadas na casa lar parece ficar claro quem é o irmão e quem não é. Entretanto também fica claro que os laços fraternos não se estabelecem somente entre irmãos de sangue. A convivência na casa lar possibilita o estabelecimento de laços fraternos fortes, onde o amigo e o irmão compartilham o mesmo grau de familiaridade.

Embora a amizade seja, como todas, uma relação complexa, pode-se considerar que trata-se de uma relação formada por dois semelhantes, como os irmãos. Diferente dos pares mãe-filho, aluno-professor, homem-mulher, na amizade, assim como na irmandade, um é para o outro praticamente a mesma coisa.

O amigo é um arquétipo muito semelhante ao do irmão. Costuma-se dizer que amigo se escolhe, irmão não. Essa afirmação do senso comum, baseia-se numa visão literal. É fato que existem diferenças entre um irmão e um amigo, mas também existem semelhanças. No plano simbólico amigo/irmão são figuras similares, o “amigo de fé, irmão camarada”, é a pessoa que nos acompanha, acolhe em tempos difíceis e compartilha conosco alegrias, amores e conquistas. O amigo irmão é aquele que podemos contar e que pode contar conosco.

O irmão (a) e o amigo (a) são, originalmente, figuras arquetípicas. Portanto não são determinadas pelas experiências literais, mas sim pelas simbólicas. Independente da vivência concreta da irmandade, o arquétipo do irmão, pode se fazer presente na vida de todos, seja em relacionamentos literais com irmãos biológicos ou adotivos, seja por meio de amigos (irmãos escolhidos).

Em experiências religiosas, como no cristianismo onde somos todos irmãos de um irmão maior (Jesus), o arquétipo do irmão se faz presente. Em experiências sócio-políticas, onde o ser “companheiro” reflete compartilhar os mesmos ideais, defender os mesmos princípios também se verifica a constelação de tal arquétipo.

Entretanto o estado fraterno da alma vai além de tudo isso, ultrapassa a fronteira da fraternidade como caridade, ou religiosidade e lança o ser humano na relação horizontal, nas

dificuldades da convivência com um outro igual, mas ao mesmo tempo tão absolutamente diferente.

Essa relação horizontal permite o reconhecimento e a aceitação da diferença. “A similaridade constrói a diferença.”⁵³ O irmão e o amigo, embora semelhante é outro, é o outro que desejo que me reconheça como igual a ele.

HUNT nos lembra que o arquétipo do amigo foi por muito tempo ignorado:

“A psicologia contemporânea oferece prateleiras repletas de livros sobre mitos e histórias, contos de fada e parábolas, relativos a praticamente todas as imagens concebíveis, mas poucos sobre o valor das amizades. Diante de Grandes Mães, Filhos Cósmicos, Embusteiros e Velhas, parece que uma coisa tão simples como os Amigos surgiria como meros portadores da capacidade para os relacionamentos. No entanto, as amizades permanecem estranhamente como uma reflexão tardia, uma categoria todo-abrangente que perde sua importância diante dos arquétipos baseados no casamento e na família, que vem depois dos modelos de vivência orientados pelo tipo de atividade e pelo gênero masculino ou feminino a que se pertença, que é tão comum que costuma ser ignorado, e assim nos coloca a todos em perigo.”⁵⁴

Esse perigo a que se refere pode ser entendido a partir da reflexão de Barcellos acerca da função fraterna. Para ele tal função é a semente da ética.

“Esse Outro-irmão [...] semelhante que não é igual, mas é um par (serão, mais tarde, os pares, os muitos outros) um outro que, precisamente, divide comigo a mesma origem. Aqueles, ou aquilo (enquanto princípio), que paternalizam e maternalizam ao outro são os mesmos que paternalizam e maternalizam a mim. E, no entanto, ele é diferente. Não seria essa, para a alma, uma iniciação á diversidade em sua forma mais próxima? Essa iniciação desdobra-se, acredito, nos compromisso entre pares, o acordo entre os irmãos, o pacto civilizatório; ou seja, talvez naquilo a que chamamos ética.”⁵⁵

Nessa relação horizontal os horizontes se expandem e vão além da ordem paterna. “ aqui, estaríamos autorizados a nos autorizar. Para a individualidade moderna isto significa o resgate do pai agora como *disfunção*, algo que não funciona mais de acordo com as necessidades da alma ou, aquilo a que os freudianos se referem como assassinato do Pai da horda primeva, para a constituição de uma ordem entre irmãos”⁵⁶

Essa é uma saída possível para os grupos de irmãos enquanto estão

⁵³ BARCELLOS, G. **Notas sobre a função fraternal**. p.140.

⁵⁴ HUNT, M. E. **O amigo** in **Ao encontro da sombra**. p. 247

⁵⁵ BARCELLOS G. **Notas sobre a função fraternal**. p.146

⁵⁶ BARCELLOS G. **Notas sobre a função fraternal**. p.150.

abrigados. Estabelecer uma ordem e um sentimento de pertencer entre irmãos. O afeto familiar seria mantido e o sentimento de abandono e solidão poderia ser superado.

1.7. FAMÍLIA.

A mãe, o pai e a criança formam o grupo designado família. A mãe social e as crianças das mais diferentes origens, que permanecem juntos por um período relativo de tempo formam uma família?

Para poder discutir questões como essa é imprescindível discorrer um pouco sobre o tema da família. Para isso optou-se por ilustrar esse tema com contribuições de outras ciências, a antropologia e o direito, além da psicologia.

Contribuições da antropologia.

A Antropologia oferece uma visão do grupo familiar a partir da relação que se estabelece entre as pessoas.

Segundo LAING⁵⁷, família é a estrutura de "pessoas que vivem juntas por certo período de tempo, e se encontram ligadas por laços de matrimônio ou parentesco".

WOORTMANN⁵⁸ vai, mas além ao afirmar que família e parentesco são sinônimos. Para ele "família, ou parentesco, não é apenas uma instituição ou valor. Por ser um valor exprime certos símbolos, igualmente carregados de valor, tais como "sangue", e por isso mesmo provê um código que informa a organização de espaço social em determinadas esferas".

O autor, em seus estudos sobre parentesco identificou algumas características básicas nas relações familiares estabelecidas no Brasil. Segundo ele, o conceito que

⁵⁷ LANG, R. D. **A política da família.** p. 14

⁵⁸ WOORTMANN, K. **A família das mulheres.** p.15

define parentesco para o brasileiro é o sangue. Os graus de parentesco são definidos em termos de "sangue partilhado". Expressões como "sangue do meu sangue", "está no sangue", "irmãos de sangue", "mistura de sangue", "sangue ruim", remetem a importância desse símbolo para a organização do parentesco.

O princípio familiar que não envolve o sangue é o matrimônio, chamado por WOORTMANN de parentesco por afinidade. Essa afinidade pode implicar em hostilidade ou em aliança, de acordo com este autor. Os laços por afinidade são mais tênues, sendo facilmente cortados em caso de separação.

A distância também é reguladora do parentesco. "quanto maior a distância tanto menor a obrigação"⁵⁹. Entretanto quando trata-se de laços de sangue, a distância hereditária é respeitada. Assim pais e filhos estabelecem laços de obrigação independente da distância física.

O nome, ou sobre nome equívale ao valor do sangue: "nome e sangue são normalmente coincidentes, no sentido que duas pessoas que partilham o mesmo nome também partilham o mesmo sangue"⁶⁰.

Compartilhar o mesmo nome e sangue estabelece entre as pessoas do grupo a reciprocidade. Espera-se que os parentes próximos auxiliem-se mutuamente, a fim de defenderem o grupo e o nome. Pais defendem os filhos até a morte e filhos zelam pela vida dos pais e dos irmãos.

Para LAING a família é a introjeção do sentimento de pertencer a um grupo, se fazer parte de um sistema, de ter pessoas que compartilham o mesmo espaço e tempo.

"a família como sistema encontra-se interiorizada[...] enquanto interiorizada, constitui um sistema de espaço tempo(...). Se eu considero algumas pessoas como estando juntas comigo e outras como não estando, tal fato significa que passei por um processo de síntese, do qual resultam as categorias nós e eles. A família constitui normalmente um nós, em contraste com um eles, representados por aqueles que se encontram fora da família."⁶¹

⁵⁹ idem. 156.

⁶⁰ idem.

⁶¹ LANG, A **política da família**. p.15

Do ponto de vista da família como grupo unido por graus de parentesco, sangue ou afinidade a casa lar não pode ser considerada uma família. Nela não existe parentesco entre os membros, salvo no caso de grupos de irmãos. Por outro lado enquanto grupo que partilha o mesmo espaço e tempo, e que forma um nós (moradores da casa lar) em contraste com um eles (não moradores) o grupo pode ser considerado uma família.

Cada morador da casa lar é oriundo de um grupo social, tem noção de sua história anterior, sabe que tem irmãos, que tem um pai e uma mãe de onde herdou seu nome. Juntos formam um grupo que se defende, o grupo de crianças da casa lar, entre eles existe um pacto pela sobrevivência. São uma família temporária.

Outra grande contribuição da antropologia diz respeito aos conceitos de público e privado. Como toda instituição social, a família vem sofrendo transformações ao longo da história. A principal delas diz respeito a criação da privacidade.

Até meados do Século XVII a vida era vivida em público. Não havia lugar para privacidade. Conforme afirma ARIÉS

"as cerimônias tradicionais que acompanhavam o casamento, e que eram consideradas mais importantes do que as cerimônias religiosas como a bênção do leito nupcial, a visita dos convidados aos recém-casados já deitados, as brincadeiras durante a noite de núpcias etc. são mais uma prova do direito da sociedade sobre a intimidade do casal."⁶²

Segundo o mesmo autor, a família existia, mas não como sentimento de valor e de separação entre ela e a sociedade. A sociedade estava dentro das casas, regulava todos os comportamentos, o comportamento moralmente aceito deveria ser mantido em todos os lugares. A vida era influenciada por um grupo de famílias que determinava de quem se poderia comprar, quem poderia ser aceito nos círculos de amigos. Ser de boa família significava ter acesso a possibilidades de ascensão social. Quebrar uma regra era condenar a família a expulsão e conseqüentemente a morte do

⁶² ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. p.237

nome. Uma moça, ou rapaz que não se adaptasse as normas não se casava, portanto não perpetuava o nome da família. Famílias vítimas de escândalos de ordem moral eram veladamente expulsos, pois não conseguiam mais comprar, vender ou se relacionar, salvo com outros também excluídos.

A partir do Sec XVIII, com o crescimento da cultura do individualismo a sociedade se contraiu em favor da pessoa. A família passou a representar uma sociedade fechada, onde seus membros gostavam de permanecer. As pessoas começaram a se defender da invasão social, lutando contra uma forma de organização que até então era a fonte da educação, da reputação, da fortuna. "a casa perdeu o caráter de lugar público"⁶³.

A família adquiriu o direito à privacidade, tornando a casa local de descanso sagrado, onde nem mesmo as autoridades podiam adentrar sem justos motivos. Na família as pessoas estavam amparadas. Ter uma família passou a ser sinônimo de proteção e de futuro garantido.

Na casa lar, público e privado ainda se misturam. É comum verificar interferências que comprometem a privacidade da criança e dos pais sociais. O espaço da casa que deveria ser de uso privado de seus moradores também é usado para reuniões de voluntários e colaboradores da organização mantenedora, atividade pública. Nas festas mais importantes quem participa muitas vezes são pessoas estranhas para as crianças, como ocorre em uma festa pública, realizada para a comunidade.

É comum que os visitantes que entram para "conhecer a casa" e certificarem-se que trata-se mesmo de "uma casa comum", caminhem pela parte íntima da casa como se estivessem em um tipo de exposição. É como se uma pessoa que estivesse passando na rua olhasse para dentro de uma janela e resolvesse entrar para certificar-se de que tudo está como deveria estar. Caso haja algo "errado" o visitante certamente tomará providências.

Pode-se pensar que por ser uma modalidade nova de moradia ainda não se

⁶³ ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. p. 274

reconhece seu valor enquanto família. O grupo que vive ali é um estranho, um grupo que não deveria estar ali, que expõe as feridas da sociedade.

Acolher essa casa como somente mais uma casa, essa família como só mais uma família e essas crianças como pessoas é uma conquista que ainda está longe de ser conseguida. Ela ainda precisa ser chamada de CASA LAR para confirmar que é um lar.

Contribuições da direito.

De acordo com a constituição brasileira⁶⁴ família é a união estável entre homem e mulher ou a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes. Como base da sociedade a família tem a proteção especial do Estado.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente⁶⁵ (ECA) toda criança tem o direito à convivência familiar e comunitária, a ser criada no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta.

ELIAS⁶⁶ afirma que esse direito foi fortemente influenciado pelo cristianismo. Os ensinamentos bíblicos pregam que a família deve ser honrada e que os filhos devem encontrar nela toda a assistência.

A família é também um direito natural, uma vez que dela depende o ser humano para sua sobrevivência e pleno desenvolvimento de seu potencial. Entretanto é fato que muitas vezes esse direito entra em confronto com outros como o direito a educação, alimentação e a viver em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes. Nesse caso a lei determina que a criança poderá ser encaminhada para uma família substituta.

Ao examinar o ECA pode-se perceber a existência de dois conceitos de família: família natural e família substituta. A primeira refere-se à comunidade

⁶⁴ **Constituição Da República Federativa do Brasil.** Texto integral. 1995 Cap. VII

⁶⁵ **Estatuto da criança e do adolescente.** 1990 cap III.

⁶⁶ ELIAS, Roberto João. **Comentários ao ECA: lei n 8069 de 13 de julho de 1990.** pg 13.

formada por um dos pais e seus descendentes. A segunda refere-se a processos em que uma família naturalmente constituída recebe por guarda, tutela ou adoção um ou mais de um novo/s membro/s.

Parece que o que importa aqui é que a criança exerça seu direito e cresça em uma família, de preferência a sua e se isso não for possível uma substituta. No art. 28 § 1º fica claro que a criança deve ser ouvida e sempre que possível sua opinião considerada.

ELIAS, entretanto ressalta que "a colocação em família substituta pode, é claro, causar alguns traumas. Importa, pois, dar preferência a alguém que, pelo parentesco ou afetividade em relação ao menor, possa evitar tais traumas. A afetividade é relevante na formação da criança e do adolescente"⁶⁷.

Os processos para colocação em família substituta obedecem a uma graduação. A guarda é usada em caso urgente, a tutela é uma estado intermediário e adoção é definitiva e irrevogável.

A lei parece clara: toda criança que não tenha condições de conviver no seio de sua família natural deve ser encaminhada para uma família substituta. Então porque existem abrigos? O que acontece que essas crianças não são encaminhadas para as famílias substitutas?

O capítulo II da ECA trata das entidades de atendimento. Afirma que o atendimento aos menores deve ser desenvolvido por entidade públicas ou particulares. Segue regulamentando o funcionamento dessas entidades sem responder a essa questão: porque elas existem?

O art. 92 segue afirmando que os abrigos devem primar pelo atendimento individualizado. "Se é inevitável que seja abrigado, deve sê-lo em condições que se assemelhem a um ambiente familiar, para que seu desenvolvimento não seja somente físico, mas também psicológico."⁶⁸ O mesmo autor segue afirmando que não é ideal

⁶⁷ Idem p. 18.

⁶⁸ ELIAS, Roberto João. **Comentários ao ECA: lei n 8069 de 13 de julho de 1990**. p. 68

que o menor permaneça por muito tempo abrigado mas sim deverá ser "preparado para o convívio familiar" e para a vida profissional.

Fica claro que perante o direito a família social não existe enquanto família. A comunidade constituída dentro de um abrigo não é dotada de laços familiares jurídicos. Uma casa lar não é capaz de oferecer as condições de desenvolvimento físico e emocional que um lar natural ou mesmo substituto. Por esse motivo consta como medida excepcional e provisória.

Contribuições da psicologia.

Na psicologia a família é vista como o primeiro grupo de apoio do ser humano, é nela que a criança cresce, se desenvolve e aprende a se relacionar. “A família existe para reconhecer, abrigar e favorecer a possibilidade criativa que aguarda para desabrochar em cada um de nós.”⁶⁹

É sob a influência da família que também se forma o caráter moral e as neuroses. Ela é o grupo relacional que visa o desenvolvimento de seus membros, que passa por momentos de crise evolutiva e que pode vir a desenvolver disfunções variadas.

“família é aquela que propicia os aportes afetivos e o bem estar dos seus componentes; ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal; é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários e onde se aprofundam laços de solidariedade; é também em seu interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados os valores culturais.”⁷⁰

A família é, portanto essencial para o desenvolvimento da criança. O suporte, segurança e acolhimento oferecido pela família criam um ambiente suficientemente bom para que a psique possa se desenvolver de acordo com sua natureza.

Do ponto de vista simbólico, um grupo pode ser considerado uma família quando se verifica a constelação do arquétipo familiar, quando a relação estabelecida

⁶⁹ STEVENS, C. T. **Família lésbica, família sagrada: a experiência de um arquétipo** in: Espelhos do self. p.143

⁷⁰ FERRARI in: **série de defesa á convivência familiar.**

entre eles é de familiaridade e quando o grupo é o suporte para o desenvolvimento de seus membros. Enquanto experiência simbólica a familiaridade independe da presença dos pais, é mais um estado de alma de pertencer a um lugar, a um grupo que oferece troca e por isso permite o crescimento. “a imagem da família contém o ideal da individuação como meta de um desenvolvimento pessoal.”⁷¹

Entretanto sabe-se que nem toda família consegue criar um clima acolhedor. Muitos grupos familiares vivem em desertos afetivos e nesses criam seus filhos. Em outros casos são os excessos de todos os tipos que se fazem presentes (vícios, patologias, abusos).

“a estrutura familiar tradicional praticamente não assegura nem garante uma vida feliz e produtiva na fase adulta para as crianças nelas criadas, e que é típico ficar devendo muito em termos do leque de possibilidades que esse arquétipo abre, causando assim sofrimentos devastadores.”⁷²

Alguns autores concordam que para que uma família consiga manter um clima promotor de desenvolvimento para todos é preciso que os formadores do grupo (pais) tenham um mínimo de saúde mental.

“O clima que torna a família preciosa é determinado pelo relacionamento dos pais, em particular, pelo grau de honestidade e sinceridade que existe entre eles. Este clima precisa fornecer aos filhos a força de enfrentar os perigos e as tentações da vida.”⁷³

“O amadurecimento só pode dar-se em toda sua plenitude num ambiente bom o bastante, e isso implica uma vida familiar baseada num casamento bom o bastante”.⁷⁴

A partir desse ponto de vista, para que a criança desfrute de um ambiente

⁷¹ STEVENS, C. T. **Família lésbica, família sagrada: a experiência de um arquétipo** in:Espelhos do self p.145.

⁷² STEVENS, C. T. **Família lésbica, família sagrada: a experiência de um arquétipo** in:Espelhos do self p.147.

⁷³ FIERZ, K. **Psiquiatria Junguiana** p.116

⁷⁴FORHAM, M. **A criança como indivíduo.** p 120

suficientemente bom na casa lar é necessário que a figura da mãe social o promova. A casa lar pode tornar-se ou não um ambiente promotor de acordo com as capacidades de quem gerencia o lar. Características como honestidade e sinceridade são imprescindíveis, não só na funcionária que está diariamente com a criança como em todos que de alguma maneira integram essa “família”.

Embora FORDHAM tenha afirmado que a saúde da família depende da saúde mental dos pais, ele teve a oportunidade de verificar que mesmo em ambientes onde os pais estão ausentes é possível promover o desenvolvimento. Ao ser chamado para ocupar o cargo de consultor de albergues destinados a crianças evacuadas das zonas bombardeadas para a região central da Inglaterra, durante a segunda guerra mundial, FORDHAM observou como cada criança se adaptava.

“Como analista junguiano, eu estava particularmente interessado em ver de era possível fornecer um ambiente ao qual a criança pudesse não apenas adaptar-se, mas recuperar a estabilidade destruída por sua experiência pregressa. Esta era de três tipos: primeiro, o trauma da evacuação; segundo, o trauma de alojamentos sucessivos em inúmeras ocasiões; finalmente, a experiência de sua vida familiar, que era um quase todos os casos extremamente inadequada.”⁷⁵

Em suas observações ele concluiu que, embora os albergues não pudessem resolver todos os problemas, provavelmente nem as famílias conseguissem, “as crianças saíram de lá com a lembrança de um tempo feliz que dificilmente esquecerão e quase todas realmente se desenvolveram.”⁷⁶

Essa constatação comprova que, mais do que ter pais presentes, o importante para o desenvolvimento é que o ambiente propicie o estabelecimento de relações baseadas no verdadeiro afeto, confiança e amor. Sentimentos que podem estar presentes tanto em um abrigo quanto em famílias convencionais.

A experiência também levou FORDHAM a refletir sobre a necessidade do acompanhamento profissional durante os períodos de crise na infância.

“ a evacuação tornou evidente o fato de que as crianças podem estar sujeitas desde muito

⁷⁵ FORHAM, M. **A criança como indivíduo**. p. 181.

⁷⁶ idem p. 183.

cedo na vida a problemas que exigem suma experiência e compreensão por parte de seus responsáveis. Ela obrigou-nos a dar-nos conta da urgente necessidade não apenas de maior compreensão das crianças como também de adultos com treinamento adequado[...]⁷⁷

Novamente a importância da competência da mãe social e dos demais funcionários do abrigo é valorizada. Somente assim é possível transformar o grupo de crianças abrigadas em uma família provisória, que por um tempo ocupa o lugar de protetor do desenvolvimento da psique.

JUNG comenta que quando a obra alquímica estava paralisada os alquimistas eram ajudados por um espírito familiar, que os apoiava até que este conseguisse retomar o trabalho.

“ os alquimistas e, entre eles Paracelso encontravam-se indubitavelmente muitas vezes diante do abismo escuro do não saber e do não-poder dar prosseguimento á obra, razão pela qual, como admitiam, eram dependentes de uma revelação, iluminação ou um sonho que os auxiliasse. Por isso, necessitavam também de um “espírito prestativo” de um familiaris [...].”⁷⁸

Metaforicamente pode-se pensar que as crianças que chegam na casa lar também estão diante do abismo do *não saber* o que será feito de seu destino e do *não poder* mudar a situação. O abrigo, quando oferece um ambiente acolhedor e familiar torna-se um espírito familiaris, que auxiliar e protege.

Essa é sua maior função. Crescer em um abrigo não substituiu a família, mas enquanto medida provisória ele pode funcionar simbolicamente como guardião da familiaridade, como promotor do desenvolvimento enquanto a criança encontra-se no abismo.

Se “ser família” é acolher e prover desenvolvimento o grupo que mora na casa lar pode ser considerado uma família provisória.

⁷⁷ idem p. 185.

⁷⁸ JUNG, C. G. **Estudos alquímicos**. (219).

2 INSTITUCIONALIZAÇÃO E ABANDONO NO BRASIL.

Do ponto de vista simbólico, mundo interno e mundo externo se refletem. A atitude coletiva adotada por um período histórico reflete o movimento interno coletivo presente nos indivíduos que formam tal sociedade.

Torna-se necessário aqui refletir acerca de como a sociedade vem abandonando suas crianças e que modalidades de atendimento foram sendo criadas na tentativa de compensar tal movimento.

2.1 HISTÓRICO DO ABANDONO.

Segundo MARCÍLIO⁷⁹, o abandono de crianças é um fenômeno verificado em todos os tempos, pelo menos no Ocidente. Histórias de abandono podem ser encontradas praticamente em todas as grandes civilizações da antiguidade.

A primeira regulamentação sobre abandono que se tem conhecimento data do II milênio a C. no código babilônico de Hamurábi.

No antigo testamento existem pelo menos duas histórias de abandono. Ismael, filho de Abraão, foi abandonado pela mãe Agar sob um arbusto no deserto, após terem sido expulsos. Moisés foi colocado em um cesto, no rio Nilo, pela mãe e acolhido pela filha do faraó. Para ambos a história de abandono tornou possível que seus destinos de líderes do povo se cumprissem.

A mitologia, na Grécia clássica, descreve inúmeros casos de crianças abandonadas. Um dos mais conhecidos é o de Édipo, filho de Jocasta e Laio, abandonado a mando do pai no monte Citeron.

Na Grécia, assim como em Roma, o poder do pai sobre os filhos era supremo, sendo permitido vender, matar ou expor os filhos. O aborto era legítimo e o

⁷⁹ MARCÍLIO, M. L. **História social da criança abandonada**. p. 21.

infanticídio admitido.

Por lei, as crianças abandonadas não podiam ser tomadas como escravas, mas sim como servas. Outras eram submetidas a abusos ou estropiadas (furavam os olhos e quebravam os membros) para servirem como mendigos. Algumas eram transformadas em prostitutas ou eunucos.

O abandono não tinha, necessariamente, relação com a condição econômica. Muitas famílias abastadas expunham os filhos para não diluir a herança ou por desconfiar da fidelidade da esposa.

O abandono dos filhos não era visto como crime, uma vez que o filho era propriedade do pai e este poderia dispor desta conforme sua necessidade.

2.2 ATENDIMENTO À CRIANÇA BRASILEIRA.

Segundo SILVA⁸⁰ a política de atendimento da criança abandonada no Brasil teve início em 1500, com a implantação do modelo português das Santas Casas. Posteriormente foram instaladas as rodas do expostos, símbolo máximo dessa fase.

Por volta de 1874, a intensa imigração estrangeira para o Brasil facilitou a criação de sociedades científicas que trabalhavam no controle das doenças e dos espaços coletivos, como escolas, internatos e prisões. Nessa época os médicos passaram a ter mais influências nas políticas de atendimentos aos expostos. Passou-se a reconhecer a importância da amamentação e amas de leite eram contratadas para alimentar os bebês.

Com a aprovação do primeiro código de menores, por volta de 1924, o Estado assumiu a responsabilidade sobre as crianças abandonadas, passando a oferecer oportunidade de formação para o trabalho. O abandono anônimo e a mortalidade diminuíram, havendo aumento dos exposto sob tutela do governo.

⁸⁰ SILVA, Roberto. **Os filhos do governo - a formação da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas.** P.34.

Após 1964, com a criação da FEBEM - Fundação Nacional do Bem Estar do Menor - implementou-se a educação militar. A disciplina passou a ser a marca das instituições para menores, que eram educados para o serviço militar. O modelo instituído pelo regime militar baseava-se em moldes americanos. Foi durante essa fase que o princípio do pátrio poder e a retirada da criança dos pais se afirmou. Os abandonados passaram a ser "filhos do governo". Essa condição jurídica legitimava a internação até os 18 anos.

Desde 1990, com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, a política de atendimento a criança abandonada vem passando por um processo de desinstitucionalização.

É justamente a partir daí que surge o regime de casa lar, que possibilita o atendimento em pequenos grupos conforme definição do ECA.

2.3 O REGIME CASA LAR

O surgimento do atendimento em regime de casa lar se deu na Europa, em 1949, quando a população sofria com o período pós segunda Guerra, com milhares de crianças órfãs e também de mulheres que perderam filhos e maridos em batalha. Diante dessa situação, o pedagogo Hermann Gmeiner se propôs a reunir mulheres e crianças que tiveram suas famílias destruídas, criando lares substitutos. Dessa idéia nasceram as aldeias SOS. As aldeias eram formadas por um conjunto de casas que recebiam crianças órfãs. Estas eram cuidadas por uma mãe substituta.

Atualmente a casa lar pode ser definida como uma unidade de abrigo de caráter provisório, onde a criança permanece até que o Juizado da Infância e Juventude decida seu destino.(retorno familiar ou colocação em família substituta). A casa lar visa oferecer a criança um ambiente similar ao das famílias convencionais, criando condições de desenvolvimento e garantindo os direitos da criança .

No Brasil, o sistema de casas-lares cresceu com a aprovação da Lei 8.069 de outubro de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente – que substituiu o Código de

Menores e se responsabilizou pela definição da política de atendimento à criança e ao adolescente.

De acordo com este Estatuto o atendimento prestado pelas unidades de abrigo deverá ser personalizado e em pequenos grupos, em regime de co-educação, não podendo ocorrer o desmembramento de grupos de irmãos, devendo haver participação na vida da comunidade local e das pessoas da comunidade no processo educativo e preparação gradativa para o desligamento.

Devido a essa exigência as entidades mantenedoras dos orfanatos e educandários aderiram ao sistema de casa lares, substituindo os grandes prédios por pequenas casas na comunidade. As crianças foram então transferidas para as casas lares. Assim uma instituição que mantinha um orfanato para cem crianças passou a manter dez casas lares, com dez moradores em cada uma.

As casas lares são mantidas por entidades não-governamentais, registradas no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. O Conselho em questão comunica o registro ao Conselho Tutelar e à autoridade judiciária da respectiva localidade.

O registro é dado apenas às entidades que ofertem instalações físicas e condições adequadas, que estejam regularmente construída, apresentem plano de trabalho compatível com os princípios da lei e que seu quadro seja composto por pessoas idôneas.

O ECA afirma que as entidades que desenvolvem programas de abrigo deverão preservar os vínculos familiares, proporcionar a integração na família substituta e evitar, sempre que possível, a transferência para outras entidades de crianças ou adolescentes abrigados.

As entidades governamentais e não-governamentais em funcionamento são fiscalizadas pelo Judiciário, pelo Ministério Público e pelos Conselhos Tutelares, que constituem um órgão permanente e autônomo, não jurisdicional e encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos em lei.

De acordo com o ECA, o encaminhamento para unidades de abrigo é medida provisória e excepcional, utilizável como forma de transição para a colocação em família substituta.

Os funcionários responsáveis pelo funcionamento da casa lar são chamados pais sociais. Estes devem ser qualificados e orientados a fim de não infringirem a Lei, especialmente no item que determina que nenhuma criança ou adolescente pode ser explorada, negligenciada, discriminada, violentada ou sofrer crueldade e opressão.

Para que os pais sociais assumam a função são necessários os seguintes pré requisitos:

Não ter antecedentes criminais, nem passagem no Conselho Tutelar, em razão de comprovada denúncia de violação de direitos a crianças e adolescentes;

Um dos membros do casal deve estar empregado e outro permanecer em casa;

Os filhos do casal devem estar devidamente registrados e quando em idade escolar, freqüentá-la regularmente;

A família deverá disponibilizar atendimento adequado para a criança e/ou adolescente nos aspectos relativos a acomodação, alimentação, higiene pessoal e educação;

O processo de seleção final é feito com a participação de uma psicóloga, que indica o perfil psicológico da família que esteja mais apta a desenvolver essa função;

Assegura-se à mãe social registro na Carteira Profissional com um salário de acordo as disposições legais aplicáveis.

Atualmente existem em Curitiba cerca de trinta e cinco entidades que mantêm em torno de 70 abrigos provisórios. Trabalhando nessas unidades encontram-se em média cento e quinze profissionais, (pais sociais e educadores). Em geral esses profissionais possuem o ensino fundamental, trabalham em regime de vinte e quatro horas com uma folga semanal. Muitos trabalham voluntariamente, motivados por ideais religiosos.

Não há até a presente data um curso de capacitação para a função de pais

sociais, nem descrição ou análise do cargo. As bibliografias a respeito do tema são escassas e especificamente sobre a família social não foi localizada nenhuma publicação, o que dá margem para que cada instituição desenvolva sua própria concepção sobre o grupo família social.

No ano de 2002 o programa municipal S.O.S. Criança registrou 1367 casos de crianças encaminhadas para abrigo. Somente em janeiro de 2003 foram 188 novos casos. Atualmente existem em Curitiba cerca de 1.030 crianças abrigadas. É esse o alarmante panorama da situação da criança em Curitiba atualmente.

A maneira como a sociedade trata e tratou a criança está intimamente relacionada com a vivência simbólica. Para a psicologia analítica mundo interno e mundo externo se refletem. Se a atitude coletiva perante a criança literal é de abandoná-la, maltratá-la, abusar sexualmente dela, humilhá-la e agredi-la é necessário pensar o que esses fenômenos estão refletindo do mundo interno.

Ao considerar a evolução histórica da atitude social perante o abandono pode-se pensar que à medida que a criança foi ganhando espaço e importância, também o indivíduo adulto foi mudando sua atitude com relação a sua própria criança e ao inconsciente. Quando a criança foi reconhecida como diferente do adulto, um novo panorama social se constelou, no qual o símbolo da criança pode tornar-se menos inconsciente.

Entretanto tal fenômeno não impediu que o abandono e outros crimes contra a criança deixassem de existir, o que indica que ainda existe algo a ser integrado, algo sombrio.

STEIN afirma que

“o abuso de crianças sempre reflete uma ausência de conexão com a criança interior ou psíquica, uma falta de respeito para com ela [...] Quanto mais nossas atitudes e metas são ditadas pelo ego e quanto mais elas são de natureza coletiva, mais provável será que tenhamos problemas no trato com nossa criança interior, porque a criança arquetípica contém conhecimentos a respeito de suas próprias necessidades de desenvolvimento que,

muitas vezes, se opõe a nossa orientação egocêntrica.”⁸¹

O arquétipo da criança constela a necessidade do lúdico, do novo, do divertido e prazeroso e principalmente do desenvolvimento e da aprendizagem livre, de tempo livre, de passa tempo. Atualmente é cada vez mais raro que as pessoas encontrem tempo para viver a criança que existe em cada um.

⁸¹ STEIN, Robert M. **Sobre O Incesto e o Abuso de Crianças** *In: O Reencontro da Criança Interior*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Vivendo se aprende;
mas o que se aprende, mais, é fazer outras maiores perguntas.”
(João Guimarães Rosa)⁸²

Para ilustrar as considerações finais optei por fazer um paralelo com o conto de João e Maria⁸³. Essa opção se deu primeiro por tratar-se de um conto cujo tema é o abandono, em segundo lugar porque esse era meu conto preferido na infância, e agora tenho a oportunidade de resgatá-lo em mim mesma. Não pretendo interpretar o conto, nem comentar todos os seus detalhes, pelo contrário, apenas tê-lo como base para a vivência do abrigo.

O conto inicia-se em um cenário triste. O pai de João e Maria, um lenhador viúvo, se casa com uma mulher cruel. Ela detesta as crianças e alegando falta de comida convence o marido a abandonar os filhos na floresta.

Esse cenário típico é muito semelhante ao encontrado na história das crianças que são encaminhadas para a casa lar. Na maioria dos casos elas provêm de uma família formada somente pela mãe e pelos irmãos, geralmente filhos de pais diferentes que abandonaram a família, ou dependentes químicos. Na maioria das vezes, as crianças estão sob os domínios de uma mãe que concorda com o abrigo e de um pai fraco, incapaz de prover o sustento físico e emocional da família. A ação de abrigar a criança quase sempre é da mãe, alegando não ter condições de ficar com os filhos, ou simplesmente deixando-os na porta dos Conselhos Tutelares.

Na primeira tentativa de abandonar os filhos na floresta, João usa a tática de deixar pedras pelo caminho e consegue retornar para casa. Desperta a ira da madrasta

⁸² Retirado de WEBER L.N.D. **Laços de ternura**. P 133.

⁸³ Ver o conto na íntegra no anexo 01.

que não se dá por vencida. Leva as crianças novamente para a floresta dessa vez sem deixar que João apanhe pedrinhas. Assim mesmo ele tenta não perder o caminho e usa o pão para marcá-lo. Entretanto os passarinhos comem os farelos e as crianças ficam finalmente perdidas na floresta.

Mesmo sabendo que aquele lar não tem nada a oferecer, João e Maria insistem em manter o caminho até ele a salvo. O mesmo ocorre com as crianças da casa lar. Por mais árido que seja o ambiente em que vivem, ainda é a casa deles. Mesmo em casos de violência, abuso e maus tratos que causariam horror em qualquer humano, ainda assim a criança não quer deixar sua casa. Se agarra porque é tudo que conhece, é o seu lugar no mundo. Qualquer outro lugar é a floresta escura, o apavorante mundo do desconhecido.

Uma vez lá, Maria chora e João a consola dizendo que “o importante é que estamos juntos”. A força do laço fraterno oferece a ambos consolo, como na casa lar. A presença do irmão oferece a segurança que não pôde ser encontrada na família e que ainda não é encontrada no novo ambiente.

João e Maria dormem na floresta e no dia seguinte, cansados e famintos sentem cheiro de bolo. Atraídos pelo agradável aroma encontram a casa de doces. Ambos ficam fascinados e experimentam todas as guloseimas.

Alguns abrigos, mas do que outros, fazem questão de terem estruturas decoradas com figuras alegres de contos de fadas e telhados que transformam as casas lares em castelos, em casa de doces. “Vendem” a imagem de perfeição, onde pessoas caridosas realizam um lindo trabalho. Nenhuma *sombra* de dúvida de que podem oferecer absolutamente tudo que a criança precisa. Ela então, é conquistada com guloseimas literais e simbólicas, vozes “doces”, rostos que a acolhem com ternura, carinho, doçura. Um mundo encantado em que se tem tudo que não se tinha. Mas que não pode oferecer um alimento profundo e definitivo.

Mas logo a casa cobra seu preço. Lá mora a bruxa que tenta devorar João. A bruxa primeiro o aprisiona para engordá-lo. O alimenta para si mesma. Maria serve de escrava e mais tarde de prato principal.

A Casa lar em alguns aspectos acaba sendo a própria casa da bruxa. Uma excessiva bondade que fascina e intoxica. Um ter tudo e ao mesmo tempo nada. Alguns dirigentes referem-se às crianças atendidas como “minhas crianças” fazendo o possível para mantê-las no abrigo o maior tempo possível. “Só aqui elas têm o que precisam”. Alimentam as crianças para si mesmos. “Vendem” a casa lar para a criança como sendo solução para todos os problemas. Prometem o que não podem cumprir. Só depois de estar dentro da casa de chocolate a criança percebe a armadilha.

Na verdade é prisioneira de seu próprio passado. Para muitas é muito clara sua situação, gostam da casa lar, mas preferiam estar com a mãe ou serem adotadas. Nutrem a fantasia de que algum dia alguém virá para resgatá-las da casa da bruxa.

João engana a bruxa mostrando a ela um osso de galinha no lugar do dedo, ele se mostra fraco, mais é forte.

Na casa lar também existe o perigo do devoramento. Cada um lida com essa situação de uma maneira, geralmente utiliza-se a mesma tática que João, colocando-se no lugar da criança fraca, indefensa, que precisa de atenção e carinho. Na casa lar fica claro o jogo estabelecido entre a criança e o adulto que chega. A criança sabe que se espera dela fraqueza. E é isso que ela demonstra. Está sempre insatisfeita, algumas contam sua história de vida enfatizando o quanto sofreram e como todos devem ter pena delas. Os visitantes estão sempre devendo algo. E elas cobram carinho, atenção, manipulam, se unem para arquitetar histórias e comover o visitante desavisado. (quase sempre conseguem).

As crianças os colocam na posição de devedores, ou são eles que já procuram uma instituição movidos pela culpa.

Demonstrar força em uma instituição é muito perigoso. Como uma criança abrigada pode estar sorrindo, feliz, vivendo sua vida?

Não é essa criança que se espera ver em uma casa lar. Mesmo as funcionárias mães sociais se irritam quando uma criança se mostra forte, recusa um brinquedo de um desconhecido, ou opta por não ir a um passeio por que prefere ficar em casa, ou simplesmente não é "afetiva" o suficiente com os doadores. "Ela é

orgulhosa, ganha demais, mal agradecida....." são comentários comuns em situações desse tipo.

Entretanto quando se olha essas crianças mais de perto percebe-se que existe dentro delas uma força capaz de suportar todas as cargas emocionais e ainda assim se desenvolver. A força da vida as impulsiona.

Não são poucas as histórias de crianças que foram institucionalizadas por longo tempo, adotadas depois por famílias brasileiras ou estrangeiras e simplesmente, em um curto espaço de tempo se adaptaram a nova cultura e aos novos valores, cresceram dentro do perfil da normalidade, casaram-se, construíram famílias e, enfim, após adultos, nada denuncia sua vivência de criança abandonada. Falam sobre a experiência como sendo uma fase de sua vida que passou, como tantas outras.

João e Maria conseguem matar a bruxa ao jogá-la dentro do forno. Um ato de coragem de Maria que salva a si mesma e ao irmão. Eles, então, encontram o tesouro da Bruxa e vão para floresta. Lá um cisne os ajuda a atravessar um rio, na outra margem o pai as espera, conta que a madrasta morreu e que estava à procura deles. Eles vivem felizes para sempre.

Matar a bruxa é fundamental para o crescimento da criança também na casa lar. Conseguir livrar-se das mães devoradoras e seguir seu caminho é um ato de coragem. O tesouro só é encontrado depois disso. Ele permanece escondido dentro da casa. Com o tesouro da bruxa, João, Maria e o pai puderam viver tranquilos e felizes.

Assim é a modalidade de atendimento casa lar. Um lugar onde se pode encontrar a bruxa devoradora, mas também alimento e tesouros.

A casa lar é, principalmente um caminho e não um fim. É mais um pouso para a criança entre o abandono da família e o retorno à nova fase de vida. A criança pode passar por ela e sair com um tesouro que vai nutrir a ela e a sua nova família.

O tesouro que a criança pode levar da casa lar é justamente a capacidade de lidar com os acontecimentos de sua vida de forma simbólica, aceitando o paradoxo da vida de que tudo pode ser um veneno e um remédio.

Para isso é preciso respeitá-la, amá-la, oferecer a ela o melhor de si mesmo,

ajudá-la a reconhecer seu próprio valor. É esse o tesouro que ela leva, o reconhecimento do próprio valor. Se ela recebe isso pode viver tranqüila e feliz.

Entretanto pode-se nunca sair da casa lar, nunca conseguir matar a bruxa, tornar-se eterna escrava e futuro prato principal da mãe/madrasta/bruxa.

“ *Bellica pax, vulnus dulce, suave malum.* (Uma paz bélica, uma doce ferida, um mal suave).[...] Eu nada poderia acrescentar ‘a incomparável simplicidade e síntese destas palavras.[...] elas clareiam a obscuridade e o paradoxo da vida humana.[...] sujeitar-se e abandonar-se ao antagonismo fundamental da natureza significa aceitar as tendências que se entrecruzam a si mesmas no psiquismo.’”⁸⁴

Talvez a casa lar possa ser vista como um mal suave e a experiência do abrigo uma doce ferida, que dói, mas também nutre. As lembranças que ficam podem ser de duras batalhas e também de aprendizado e amor.

Acredito que dar voz às crianças abrigadas é um dos primeiros passos para possibilitar que o tesouro da bruxa seja descoberto. Antes, porém, é preciso dar voz à criança dentro de cada um. Essa é uma tarefa difícil, talvez tão difícil quanto abrigar uma criança literalmente abandonada sem colocá-la no lugar de vítima, alvo de pena.

Talvez levar o psicológico para dentro da casa lar possa ser o próximo passo. Levar a possibilidade de reconhecimento das figuras arquetípicas que lá habitam. Restabelecer a humanidade dos moradores. Reconhecer que os erros e acertos nos possibilitam crescer.

Levar o psicológico implica em reconhecer o paradoxo: às vezes veneno às vezes remédio. Se um deles prevalece a ponto de excluir o outro se instala a patologia. A casa lar é antes de tudo um espaço de relacionamento humano. Por tanto, como em todas as relações humanas, veneno e remédio estão presentes.

⁸⁴ JUNG, C.G. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência.** (523)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMS, J. (org). **Ao encontro da sombra**. SP: Cultrix.1991.
- ABRAMS, J. (org). **O reencontro a criança interior**. SP:Cultrix. 1990.
- ALTOÉ, S. **Infâncias perdidas**. RJ: Editora Xenon. 1990.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da familiar**. RJ: Zahar. 1975.
- BACHELARD, G. **A poética do Devaneio**. SP: Martins Fontes.1988.
- BARCELLOS, G. **Notas sobre a função fraternal**. In: ENCONTRO DOS AMIGOS DA PSICOLOGIA ARQUETÍPICA, 1º, 2001, SP.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 16 de julho de 1990.
- BRASIL.**Constituição da República Federativa do Brasil**. SP: Atica.
- CAVALCANTI, R. **O mundo do pai - mitos, símbolos e arquétipos**. SP: Cultrix. 1995.
- DOWNING, C (org). **Espelhos do self**. SP:Cultrix.1991.
- ELIAS, R. J. **Comentários ao ECA: lei no 8069 de 13 de julho de 1990**. SP: saraiva. 1994.
- FORDHAN, M. **A criança como indivíduo**. SP: Cultrix.1994.
- GRIMM, W. **João e Maria**. SP: Girassol, 1991.
- HEINRICH, K. F. **Psiquiatria Junguiana**. SP: Paulus.1997.
- HIMMAN, J. **Estudos de Psicologia Arquetípica**.RJ: Achímé. 1981.
- HINSHELWOOD. **Dicionário do pensamento kleiniano**. Porto Alegre: Artes médicas. 1992.
- JUNG, C. G. **A natureza da psique**. RJ : Vozes. 2000.
- JUNG, C. G. **Estudos alquímicos**. RJ : Vozes. 2002.
- JUNG, C. G. **Freud e a psicanálise** . RJ : Vozes. 1998.
- JUNG, C. G. **Memórias, sonhos, reflexões**. RJ : Nova fronteira. 1963.
- JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. RJ : Vozes. 1986.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. RJ : Vozes. 2000.
- JUNG, C. G. **Psicogênese das doenças mentais**. RJ : Vozes. 1999.

JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. RJ : Vozes. 1987.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. RJ : Vozes. 1989.

LANG, R. **A política da família**. SP: Martins Fontes. 1983.

MARCILIO, M. L. **História social da criança abandonada**. SP: Editora Hucitec 1998.

PEARSON, C. S. **O herói interior seis arquétipos que orientam a nossa vida** SP: Cultrix. 1986.

SERIE DE DEFESA Á CONVIVÊNCIA FAMILIAR. Livro I : **Trabalho social com família**. RJ: Terra do homens.

SILVA, R. **Os filhos do Governo - a formação da identidade criminosa em crianças órfãs e abandonadas**. SP: Atica, 1997 .

SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida**. SP: Martins Fontes. 1979.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para apresentação de documentos científicos: redação, editoração**. Curitiba:ed. da federal.2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Normas para apresentação de documentos científicos: referências**. Curitiba:ed. da federal.2000.

WEBER, L. N. D. **Laços de ternura**. Curitiba: Juruá.1999.

WHITMONT, E. **A busca do símbolo**.SP:Cultrix.1969.

WINNICOTT, D, W. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre:Artes Médicas.1983.

WOORTMANN, K. **A família das mulheres**. RJ: Tempo Brasileiro. 1987.

ANEXO 01

Conto de João e Maria⁸⁵

Era uma vez um pobre lenhador que vivia á beira de uma grande floresta, com a mulher e seus dois filhos, João e Maria. Depois de ficar viúvo, voltou a se casar com uma mulher muito cruel, que não gostava nem um pouco das crianças.

Naquele ano, a comida começou a ficar escassa. A fome se estendeu por todo o país e chegou um dia em que o lenhador e sua família não tinham nada para comer.

_Se continuar assim vamos morrer de fome! - disse a mulher ao lenhador, certa noite. Vamos ter que abandonar as crianças na floresta.

_abandonar meus filhos? Nunca farei uma coisa dessas!_exclamou o lenhador.

Porem, a malvada mulher conseguiu convencê-lo. As duas crianças estavam com tanta fome, naquela noite que não conseguiram dormir e ouviram tudo. Maria começou a chorar, mas seu irmãozinho tentou acalmá-la, dizendo:

-Não se preocupe, Maria! Tenho uma idéia! Ele saiu de casa sem ser visto e encheu os bolsos com pedrinhas brancas.

Na manhã seguinte, assim que o galo começou a cantar, a madrasta acordou as crianças.

-Levantem, seus preguiçosos! Vamos todos buscar lenha na floresta!

Então ela deu a cada um deles um pedaço de pão e todos se puseram a caminho.

⁸⁵ Reproduzido na íntegra da obra de Jacob e Wilhelm Grimm, adaptado por Maria Luisa A, Lima Paz. Editora girassol.

De vez enquanto, João parava, dava meia volta para olhar sua casa e deixava cair uma pedrinha.

-O que está fazendo, João - perguntou seu pai.

-Nada, papai, só estava olhando meu gatinho branco, que está me dizendo adeus do telhado - respondeu o menino.

Quando chegaram á parte mais distante da floresta, a madrasta se dirigiu as crianças e disse:

-esperem aqui! Seu pai e eu vamos cortar lenha um pouco adiante.

João e Maria comeram o pedaço de pão e dormiram profundamente, junto a um a fogueira que o pai havia feito.

Quando acordaram, viram que já havia anoitecido.

No mesmo instante, Maria começou a chorar, mas o irmão tentou consolá-la, dizendo:

- Assim que a lua aparecer no céu, poderemos encontrar o caminho de volta.

E assim foi. Logo a lua iluminou a noite e as crianças puderam seguir facilmente o rastro de pedrinhas brancas, que brilhava no chão.

E assim puderam, chegar em casa. Quando a madrasta os viu, perguntou-se como haviam conseguido voltar.

Não demorou muito para descobrir as pedrinhas brancas, no meio da relva. Naquela noite, teve o cuidado de trancar a porta para que João não pudesse buscar mais pedras desta vez.

Maria chorava, desconsolada, mas João tentava tranquilizá-la o melhor que podia:

- Não chore, irmãzinha! Eu vou cuidar de você!

No dia seguinte, de manhã bem cedinho, a madrasta tirou as crianças da cama, deu a elas um pedaço de pão e todos se dirigiram para a floresta. Enquanto caminhavam, João deixava cair migalhas de pão.

Mas ele não percebeu que, assim que as migalhas caíam, os passarinhos o comiam.

Por fim, chegaram a um lugar muito afastado da floresta, onde as crianças nunca haviam estado antes. Mas uma vez a madrasta disse a eles para esperarem, depois afastou-se com o lenhador.

- Quando a lua surgiu no céu, encontraremos facilmente o caminho de volta - disse João a sua irmã.

Então eles perceberam que os passarinhos tinham comido todas as migalhas!

- Nunca mais conseguiremos voltar para casa! - chorou Maria. Vamos morrer na floresta!

- Não se preocupe, irmãzinha, o importante é que os dois estamos juntos - acalmou-a João, enquanto penetravam cada vez mais na floresta.

Sentiam tanta fome e estavam tão cansados, que se deitaram debaixo de uma árvore e adormeceram.

No dia seguinte João e Maria acordaram com o canto dos passarinhos. Um cheiro delicioso de bolo pairava no ar. Eles seguiram seu rastro e chegaram a uma casinha.

- Veja só, Maria! Uma casinha toda feita de doces! - exclamou João. O telhado - e feito de bolo e a porta e de chocolate!

- Eu queria tanto comer um pedaço daquela porta... - suspirou Maria.

Então os dois começaram a experimentar todas as guloseimas da casa.

- Será um ratinho ou uma ratinha? Quem é que está comendo minha casinha? - perguntava uma voz rouca.

Os dois meninos viraram assustados e viram que a voz era de uma bruxa de olhos vermelhos.

- Ah, ah, ah! - ria ela. Estou sentindo cheiro de carne fresca! E como vocês comeram a minha casa, agora sou eu quem vai comer vocês!

Depois de dizer isso, agarrou as crianças e trancou João numa pequena jaula.

- primeiro, vou comer o seu irmão! - disse ela a Maria. Prepare muitos pratos apetitosos para ele ficar bem gordinho!

A pobre Maria tinha que trabalhar sem descanso...

Todos os dias a bruxa ia conferir se João já estava no ponto:

- João, você já deve estar bem gordinho e saboroso. Mostre-me seu dedo!

Mas o menino, que era muito esperto, enfiava um ossinho de frango pelas grades da jaula. A bruxa, que não enxergava muito bem, acreditava que era o dedo do menino e achava-o sempre muito magrinho.

Até que, um dia, decidiu comer primeiro amenina.

- Maria, veja se o forno está bem quente para assar alguns pães - ordenou ela.

A intenção da bruxa era colocar a menina lá dentro, mas esta respondeu:

- Não consegui abrir a porta...

- Vocês não servem para nada! - resmungou a bruxa. Deixe que eu mesma vejo.

Maria aproveitou a chance e, com todas as suas forças, empurrou-a para dentro do forno, fechando a porta.

João e Maria encheram os bolsos com muitas pedras preciosas que encontraram na casa da bruxa e fugiram para o meio da floresta.

Depois de muitas horas de caminhada, chegaram a um imenso lago. Tentaram imaginar como poderia atravessá-lo, quando um cisne branco disse:

- subam nas minhas costas, eu levo vocês! E conduziu-os até a outra margem.

Depois que o belo cisne deixou as duas crianças do outro lado do lago, João e Maria continuaram seu caminho. Passado algum tempo, encontraram o pai, que havia saído a sua procura. Desde o dia em que abandonou as crianças na floresta, o pobre lenhador nunca mais teve paz. Ele pediu perdão a elas e contou que a madrasta havia morrido.

Então, graças as jóias que João e Maria trouxeram da casa da bruxa, os três puderam viver tranquilos e felizes para sempre.

